

TSOE

Edição 14 - 5/12/25

SELVAGERIA SEM LIMITES

Aumento nos casos de violência contra as mulheres, como o bestial atropelamento de Tainara Souza Santos, aponta as falhas que ainda existem no combate a esse tipo de crime no país

Capa

Página

6



AEDRIAN-SALAZAR/UNSPLASH

Mesmo com leis mais rígidas, os casos de violência contra mulheres aumentam no Brasil

Índice

CAPA: FOTO DE ARTEM ARTEMOV/UNSPLASH

3 ENTREVISTA



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL



RAWPIXEL.COM/FREEPIK

Doença renal crônica atinge 14% dos adultos

21 SAÚDE

22 GENTE

24 ESPORTE

29 ESTILO DE VIDA

35 ENTRETENIMENTO



DIVULGAÇÃO/DIEGO PADILHA

38 O MELHOR DAS REDES

39 PALAVRA POR PALAVRA

Expediente

ISTOE
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL

Daniel Hessel Teich

ISTOE

EDITORA EXECUTIVA

Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE

Alexandre Akermann

DESIGNER

Mayara Novais

www.istoe.com.br

Instagram

@revistaistoe

YouTube

m.youtube.com/@revistaISTOE

X

@revistaISTOE

TikTok

@revistaistoe

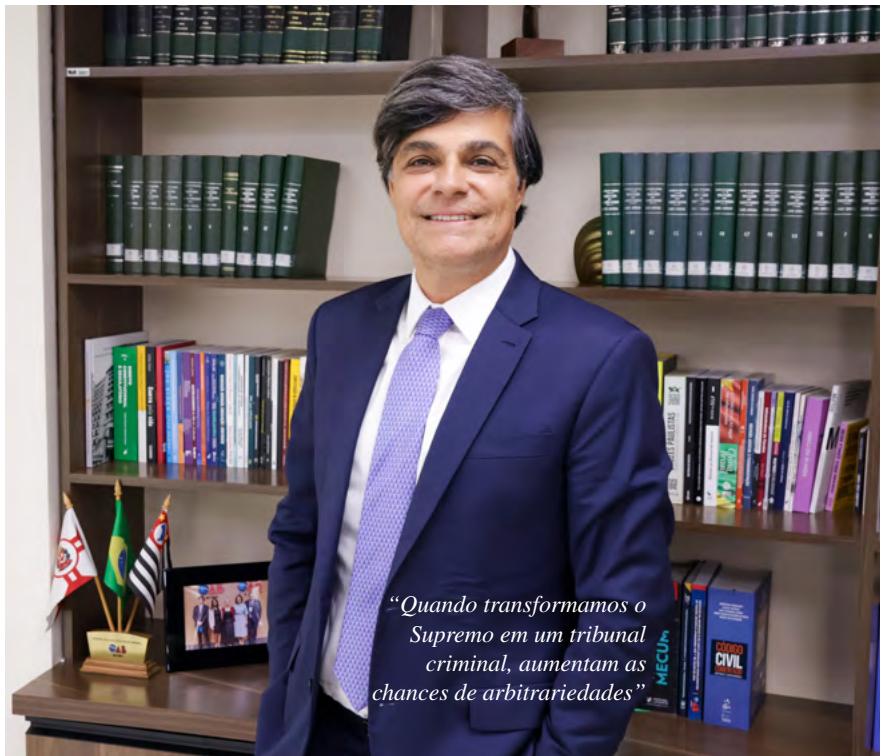
LinkedIn

<https://linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência

Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação
semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.,
empresa detentora das marcas ISTOÉ e
coligadas, tanto em plataformas
digitais como meios impressos.
A empresa não tem qualquer vinculação
editorial e societária com a EDITORA
TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA.
(em liquidação judicial)



Em junho de 2024, a OAB-SP criou uma Comissão de Estudos para a Reforma do Judiciário com a promessa de entregar propostas em um ano para o Congresso Nacional. Como estão os trabalhos?

O trabalho da comissão é o nosso principal, atualmente. Percebemos que o Judiciário tem uma importância cada vez maior para o país e há a necessidade de adequá-lo a essa expectativa enorme que a sociedade brasileira tem de produção e distribuição de Justiça. De junho até pouco mais de um mês atrás, trabalhamos na fase de diagnóstico, consultando a base de dirigentes da OAB, da advocacia e das universidades para ter um diagnóstico confiável para colocar em prática as ideias de reforma que nós, de certa forma, já tínhamos. Agora, a comissão está se debruçando sobre alguns eixos para, dentro de cada um deles, elaborar as propostas que serão encaminhadas ao Congresso e ao STF.

A comissão elaborou perguntas para enviar à Comissão de Constituição e Justiça do Senado e serem feitas a Jorge Messias, indicado pelo presidente Lula à vaga no STF. Qual é o objetivo da iniciativa?

As perguntas foram preparadas e enviadas antes mesmo de a indicação ser feita. Nossa preocupação é sabatinar bem o indicado, qualquer que fosse. O processo de indicação ao Supremo é algo que prende a atenção da sociedade e tem um rito constitucional previsto, em que o presidente da República indica e o Senado sabatina. Nós entendemos que a democracia é isso, seguir a regra do jogo. Mas, em vez de fazer como muitos fazem e só detonar o rito – que é similar ao seguido na maioria dos países –, quisemos mostrar que o procedimento existe e pode ser aprimorado. Os senadores são eleitos pelo povo, a OAB é uma instituição da sociedade e nós percebemos que poderíamos participar desse processo de questionamento.

"Partidos políticos provocam o STF a agir"

Presidente da OAB-SP, Leonardo Sica analisa as ações do Supremo e propostas como o aumento de penas, que critica por não reduzir a criminalidade

Separadas por pouco mais de dois meses, a condenação de Jair Bolsonaro (PL) por tentativa de golpe de Estado e a indicação de um novo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) colocaram novamente o Judiciário no centro do debate político. Para Leonardo Sica, presidente da seção de São Paulo da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), o processo movido contra o ex-presidente e seus aliados te-

ve “vários desrespeitos” ao trabalho da defesa. E a escolha do advogado-geral da União, Jorge Messias, para a vaga no STF consolida uma “mudança ruim” no critério de indicação presidencial. Sica, que está em seu primeiro mandato, aborda ainda uma reforma do Judiciário que limite decisões monocráticas e debate o aumento de penas que, para ele, não produz efeitos no combate ao crime organizado.

Leonardo Rodrigues

O professor Rubens Glezer, da FGV, avaliou que os presidentes da República têm buscado um “acesso permanente” ao STF com as

indicações recentes, priorizando aliados políticos em detrimento de juristas com atuação reconhecida. O senhor concorda?

O advogado-geral da União [caso de Jorge Messias] é um advogado do governo. Esse é o quarto AGU indicado para o Supremo. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso indicou o seu, que é o ministro Gilmar Mendes; o presidente Lula já indicou o seu em outra oportunidade, o ministro Dias Toffoli; e Jair Bolsonaro também, com o ministro André Mendonça. Mais uma vez, um advogado-geral da União está sendo indicado. É legítimo, porque a condição prevê, e natural que um presidente indique um nome de sua confiança pessoal, mas esse não pode ser o principal requisito. Tem de haver confiança na capacidade técnica e jurídica. Já vimos o presidente Lula fazer isso algumas vezes nos mandatos anteriores, com as indicações dos ministros Cesar Peluso, Joaquim Barbosa e Ayres Britto [todos aposentados], que foram escolhas técnicas. Está acontecendo uma mudança, e essa consolidação de que o ministro do Supremo é alguém da estrita confiança do presidente da República é muito ruim.

Uma das questões enviadas pela OAB ao Senado é quanto à participação de magistrados que tenham integrado governos em julgamentos que envolvem a União. Falta uma restrição institucional?

Falta uma regra clara de impedimento, de suspeição [dos ministros]. O que se espera de um juiz, fundamentalmente, é que ele seja imparcial, equidistante em relação aos envolvidos no processo. O que garante imparcialidade é criar regras claras e públicas, porque não há como entrar na mente do juiz e saber se ele é parcial ou não, e faltam restrições estabelecidas não só quanto à condição humana – o impedimento para julgar parentes, por exemplo –, mas em outras situações. Hoje, sou um advogado privado. Se amanhã eu me torno juiz, como posso julgar alguém que foi meu cliente? É isso que precisa ficar definido. As regras existem justamente para que as instituições republicanas estejam acima do interesse pessoal. Se um ministro [do STF] foi



advogado do governo, ele deveria julgar uma causa de interesse do governo? Eu entendo que não, e isso não é uma crítica pessoal.

E quanto à relação entre ministros e empresas que eventualmente têm casos julgados no Supremo e participação em palestras e eventos patrocinados? Deveria haver restrição?

Dar uma palestra ou participar de um evento ao lado de empresários não gera uma suspeição, porque isso pode ser muito episódico, mas se eu advoguei para uma empresa, não estou apto a julgá-la futuramente. Uma relação profissional, de associação, remuneração, deve ser impeditiva.

Criticados por parlamentares, integrantes de cortes superiores defendem que o Judiciário atua diante da omissão do Legislativo. Por outro lado, o ministro André Mendonça disse que seus colegas de corte praticam "ativismo judicial". O Supremo tem excedido suas prerrogativas?

O Legislativo tem uma parcela de responsabilidade relevante nisso. A atualização do Marco Civil da Internet [exemplo dado recentemente por André Mendonça], o controle das redes sociais, era uma questão há anos parada no Congresso, sem nenhum con-

senso ou perspectiva de aprovação. Aí, o Supremo foi provocado a agir, como é, com frequência, pelos próprios partidos políticos. Agora, qual foi a última grande discussão do Legislativo? Forçado por uma circunstância terrível, o Congresso passou a debater segurança pública, mas antes disso havia uma inércia. A democracia funciona assim: você tem os poderes e, quando um deixa de agir, o outro é chamado.

Na esfera da tensão entre Poderes, o Congresso discute há algum tempo uma proposta para limitar as decisões monocráticas em cortes superiores. Uma reforma efetiva do Judiciário passa por essa limitação?

Passa, porque falamos muito em autocontenção. Limitar as decisões monocráticas é algo que naturalmente gera autocontenção, porque ao determinar que todas as decisões sejam colegiadas, elas se tornam mais maduras. Há um excesso de decisões individuais, sendo que um tribunal, conforme o significado do dicionário, é um colegiado de pessoas que julga algo. As decisões monocráticas desvirtuam a própria natureza desse conceito. É um recurso que serve para decidir sobre questões urgentes, em que não há tempo para esperar o colegiado se reunir e julgar.

O processo que terminou com a condenação de Jair Bolsonaro,

generais e outros militares teve limitações impostas pelo ministro Alexandre de Moraes à comunicação dos advogados de defesa, relatos de falta de tempo para acesso aos autos e prisões preventivas alongadas. O amplo direito à defesa e ao contraditório foi respeitado?

Houve vários desrespeitos à atuação dos advogados ao longo do processo e opressão ao exercício da advocacia. A OAB reclamou quando eles apareciam, como nos exemplos citados e ainda na lacração de telefones, proibição de gravar audiência, destituição de advogados dos autos, enfim, uma série de atropelos. A Justiça criminal brasileira é muito arbitrária, marcada por uma cultura de autoritarismo. Quando transformamos o Supremo em um tribunal criminal, coisa que ele não deveria ser, aumenta a chance dessas arbitrariedades ocorrerem. E o principal problema é que, por se tratar da última instância do Judiciário, não há a quem recorrer [contra um arbítrio], ao contrário do que acontece em outras varas. Seria leviano dizer que isso tenha relação com o resultado do julgamento, que deriva das provas e dos fatos. Mas houve maus exemplos, e isso dá margem para que os insatisfeitos com as sentenças possam questionar os julgamentos. Um julgamento é justo quando segue as regras do processo, e seria muito importante que o Supremo desse o exemplo.

No mesmo caso da trama golpista, as penas para os condenados pela participação na invasão do 8 de janeiro chegam a 17 anos e seis meses de prisão, equiparável à aplicada para um homicídio qualificado. São penas excessivas?

Sim. Penas altas de prisão só devem ser aplicadas a pessoas que não podem andar na rua porque representam um risco para a sociedade. Elas são contraproducentes, pouco úteis e muito onerosas para a sociedade. O importante, no caso do 8 de janeiro, era processar, julgar e condenar os participantes e mostrar, como eles próprios admitem, que houve uma tentativa de golpe de estado. Mas essas pessoas não devem ser retiradas do convívio social por quase 20 anos, e acredito que essa seja



LEONARDO MONTEIRO / ISTOÉ

a margem de espaço para que o próprio tribunal reveja suas decisões.

No caso dos condenados pela tentativa de golpe, como Bolsonaro e aliados, houve exageros?

Sim. Existem dois crimes principais pelos quais as condenações ocorreram, golpe de Estado e tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito, em que um deles bastaria [para o estabelecimento das penas].

O PL Antifacção, como aprovado na Câmara, prevê um aumento do tempo de prisão para crimes praticados por integrantes de facções. Como se estabelece um critério adequado para o endurecimento de punições sem cair no populismo penal?

Estamos diante de mais um capítulo de populismo penal. Desde que a Lei de Crimes Hediondos foi editada, o Congresso vem aumentando penas para delitos mais graves. Trata-se de uma ilusão. Isso não produz qualquer redução da criminalidade, não faz com que as pessoas andem mais seguras na rua ou demovem criminosos. Faz somente com que algumas pessoas passem mais tempo na cadeia, o que, no geral, ajuda o crime organizado. Desde o massacre do Carandiru [em 1992], começamos a

inchar as prisões com jovens que passam muito tempo detidos e se tornam mão de obra aliciável para as facções. Quando se prende o líder de uma facção criminosa, ele é substituído no dia seguinte sem que isso desmantele a organização. O que tem efeito comprovado é impedir que esses grupos tenham acesso facilitado ao dinheiro e infiltração no poder público, como demonstrado por operações recentes em São Paulo [caso da Carbono Oculto]. Uma resposta violenta gera mais violência.

Um modelo defendido por alguns agentes políticos é o Direito Penal do Inimigo, que permite o endurecimento do Código Penal para criminosos inimigos do Estado. Como avalia esse conceito?

É mais um modelo de populismo penal. O que um político mais precisa é eleger inimigos, porque isso cria um consenso ao redor deles. A megaoperação no Rio de Janeiro [contra o Comando Vermelho], que deixou 121 mortos para prender 80 criminosos e não deteve o líder da organização, mostrou que a ideia de um inimigo é simbólica e se esgota em si mesma. A necessidade que temos é de políticas públicas constantes, de vigilância, monitoramento, melhoria de circulação nas áreas urbanas, e o corte do fluxo financeiro. ■

Entre janeiro e outubro de 2025, foram registrados 1.184 feminicídios: uma média de quatro vítimas por dia



TÂNIA RÉGO/AGÊNCIA BRASIL

Até quando tanta brutalidade?

Mesmo com o endurecimento de penas, Brasil registra aumento de casos de feminicídios e de violência contra mulheres; especialistas apontam falhas na proteção, falta de prevenção e urgência de combater conteúdos misóginos nas redes sociais

Marina Miano e Lena Castellón

Não basta matar a mulher. É necessário que se tenha uma assinatura, como desfigurá-la, esganá-la, deixá-la paraplégica ou desferir facadas”, afirma Fabíola Sucassas, promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo.

A declaração reflete a brutalidade de dois episódios ocorridos recentemente na capital paulista. No sábado, 29, Tainara Souza Santos, de 31 anos, foi atropelada e arrastada por mais de um quilômetro até a Marginal Tietê. O motorista era Douglas Alves da Silva, de 26.

Segundo a Polícia Civil, o crime ocorreu após a vítima sair de um bar no Parque Novo Mundo, zona norte, acompanhada de um rapaz. Ao presenciar a cena, Douglas discutiu com a dupla e, depois, já na rua, jogou o veículo

contra Tainara. De acordo com o boletim de ocorrência, ela passou por cirurgia e teve as pernas amputadas devido à extensão das lesões, permanecendo internada em estado grave.

O agressor foi preso no dia seguinte. Segundo a Secretaria de Segurança Pública (SSP), durante a abordagem, feita em um hotel na Vila Prudente, Douglas resistiu e avançou contra um dos agentes, “o que exigiu intervenção policial”, informa comunicado. A secretaria diz que ele foi “atingido e contido”. Foi encaminhado a um hospital, onde recebeu atendimento médico. Em seguida, foi levado à delegacia.

Poucos dias depois, em 1º de dezembro, outro caso chocou a cidade. Bruno Lopes Barreto atirou seis vezes contra a ex-companheira, Evelin de Souza Saraiva, utilizando duas armas ao mesmo tempo. O crime aconteceu dentro de uma pastelaria no bairro Jardim Fontalis, também na zona norte, onde a vítima trabalhava.

A tentativa de feminicídio foi registrada por câmeras de segurança. Evelin foi socorrida pelo helicóptero Águia da Polícia Militar. Foi levada ao Hospital das Clínicas, passou por cirurgia e segue internada na UTI com quadro delicado. Bruno fugiu após o crime.

Para Fabíola Sucassas, a agressão contra a mulher é um fenômeno complexo, cujas raízes estão na violência histórica, na desigualdade e na cultura que dita os papéis tanto sociais quanto nos relacionamentos. Na sua análise, o enfrentamento a essa violência exige quatro pilares: prevenção, repressão, proteção e assistência à vítima.

Há 20 anos trabalhando com direitos humanos, Juliana Brandão, advogada e pesquisadora sênior do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, reforça o alerta: “Se não voltarmos nossa atenção para a prevenção, continuaremos lidando com o aumento dos casos”. Ela completa: “Como a gente faz para não chegarmos a esse ponto? Essa é uma pergunta para homens e para mulheres”.

Recorde de feminicídios

Os dados corroboram a urgência do tema. O 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, lançado em julho, com registros referentes a 2024, aponta que, a cada hora, 29 mulheres foram vítimas de lesão corporal dolosa no contexto de violência doméstica.

De acordo com o Anuário, o feminicídio teve um aumento pequeno de 2023 para 2024: 0,7% de casos, chegando a 1.492 mortes no país. Ainda assim, é o recorde da série histórica iniciada em 2015. Por outro lado, as tentativas de assassinar mulheres por serem mulheres cresceram 19%, no mesmo período, com 3.870 registros. São números consistentes com a tendência de alta nas ocorrências.

O cenário atual também é grave. O Ministério da Justiça indicou que, entre janeiro e outubro de 2025, foram registrados 1.184 feminicídios — uma média de quatro vítimas por dia.

A cidade de São Paulo apresenta o maior número de casos em um ano desde o início da série, em 2015. Dados da Secretaria de Segurança Pública contabilizam 53 ocorrências entre janeiro e outubro deste ano, sendo julho o mês

Douglas Alves da Silva atropelou e arrastou Tainara Souza Santos por mais de um quilômetro



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



Fabíola Sucassas: o enfrentamento da violência exige prevenção, repressão, proteção e assistência

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

mais letal, com oito vítimas. No estado de São Paulo, foram 207 casos, com pico de 26 ocorrências em maio.

É importante esclarecer que o feminicídio foi tipificado em lei federal em março de 2015. Mais recentemente, em 9 de outubro de 2024, a legislação foi endurecida com a sanção da Lei nº 14.994, conhecida como “Pacote Antifeminicídio”, que torna esse crime um tipo penal autônomo e aumenta a pena máxima para 40 anos. Isso se soma à Lei nº 11.340/2006, a Lei Maria da Penha, que foi um marco no combate à violência doméstica.

Apesar dos avanços legislativos, Fabíola ressalta que as medidas ainda não são suficientes. “O enfrentamento à violência contra mulher precisa ser um plano de Estado. A mudança de governos altera as equipes, e nós, do Judiciário, perdemos a continuidade do trabalho por falta de um pacto linear”.

A senadora Mara Gabrilli (PSD-SP) critica a falta de adesão de alguns estados ao pacto de combate à violência e a

Juliana Brandão: é essencial investir na educação, ensinando a meninos e meninas sobre direitos e igualdade



ACERVO PESSOAL

ausência de planos de metas. “Não basta ter planos se os recursos não chegam onde devem e se não há coordenação entre ministérios, Justiça, segurança pública e assistência social”, afirma. Para a parlamentar, as maiores lacunas estão nas zonas rurais e periferias, onde a oferta de serviços integrados é escassa.

Para alguns especialistas, com o aumento dos casos, fica claro que a violência contra a mulher é um problema estrutural, e não circunstancial. Isso quer dizer que o Brasil não conta com um sistema de proteção que seja capaz de enfrentar esse quadro com eficácia.

Conexão com o ódio online

Dentre os casos recentes de grande repercussão, a prisão de Thiago Schutz, conhecido como Calvo do Campari, na sexta-feira, 28, chamou atenção para outro aspecto do problema: as redes sociais. Schutz, que ganhou notoriedade com falas ligadas ao movimento Red Pill, foi preso em flagrante por violência doméstica e lesão corporal contra a namorada, Lais Angeli Gamarra. No dia seguinte, passou por uma audiência de custódia. Foi solto.

Para Fabíola, existe uma relação direta entre a disseminação do ódio online e o aumento dos feminicídios, impulsionada por uma política conservadora sobre os comportamentos de gênero. Ela cita o “efeito backlash”, uma reação que organiza e radicaliza a cultura misógina nas redes sociais.

A ex-deputada federal Manuela d'Ávila concorda, pois, quando a violência ocorre publicamente sem punição, transmite-se um aviso disciplinador às mulheres e uma validação aos homens. “Além disso, a misoginia é lucrativa para perfis como o de Schutz”, acrescenta.

Um estudo de 2024 demonstrou essa relação entre discursos misóginos e lucratividade. Durante seis meses, Luciane Belin, pesquisadora do NetLab, laboratório da Universidade Federal do Rio



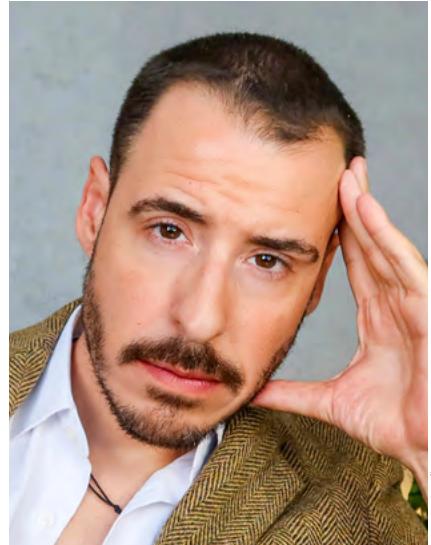
Divulgação

Estudo coordenado por Luciane Belin identificou 137 canais no YouTube com conteúdo misógino

de Janeiro (UFRJ) que se dedica ao estudo da internet e das redes sociais, passou dias vendo, em detalhes, vídeos no YouTube com esse tipo de conteúdo. “Misoginia não se refere só ao discurso de ódio. Ela vai também no sentido de inferiorização da mulher, da subjugação e do controle, que é o que mais aparece”, conta Luciane, uma das coordenadoras da pesquisa.

O estudo foi encomendado para entender como a misoginia no ambiente digital estava saindo dessas esferas

Schutz foi preso por violência doméstica



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Manuela d'Ávila: violência sem punição transmite recado de validação aos homens

ços. Não é possível resolver o problema por uma única esfera. No ambiente digital, é vital combater o conteúdo misógino e denunciar comportamentos nocivos. Também é necessário cobrar o papel das plataformas digitais nessa luta. “Elas têm regras de uso, mas muitos conteúdos são disfarçados. É preciso exigir transparência das plataformas a respeito do que fazem com esses canais”, afirma Luciane.

Para Juliana, evitar que o conflito escale para a agressão exige transcender as políticas de segurança e investir na educação escolar, ensinando a meninos e meninas sobre direitos e igualdade. Isso ajudaria, por exemplo, a diminuir hostilidades. “É preciso o entendimento de que o normal da sociedade é a igualdade”, afirma.

Mara Gabrilli, por sua vez, observa que o tema ainda enfrenta resistência política devido ao termo “gênero”. “O caminho é avançar com programas baseados em evidências, formação de professores e diálogo com as famílias”, sugere.

Manuela d'Ávila relembra a ofensiva da extrema-direita contra a chamada “ideologia de gênero” na última década, o que prejudicou o debate nas escolas. “Uma criança inserida em um ambiente de violência doméstica precisa encontrar na escola um espaço para debater e construir perspectivas alternativas. Caso contrário, não conseguiremos mudar a cultura de violência contra as mulheres”, reforça.

Mara Gabrilli: Não basta ter planos se os recursos não chegam onde devem



Esferas de poder

Para conter o avanço da violência contra mulheres, é necessário aumentar a representatividade nas esferas de poder. Isso vale até para o registro de boletins de ocorrência. A depender da pessoa responsável por ouvir a denúncia de uma mulher, é possível que ela não reconheça a gravidade do acontecido. “Necessitamos de mais representatividade. Se não investirmos em uma cultura que estimule as mulheres a participarem mais da vida pública, a assumirem cargos legislativos e atuarem na esfera executiva ou na magistratura, o cenário não vai mudar”, acredita Juliana. Para ela, o Brasil tem, de fato, avanços, mas é vital promover essa mudança de cultura e também desenvolver ações mais incisivas.

Juliana destaca que hoje a repercussão dos casos de violência é muito maior do que se via no passado. Isso se reflete, inclusive, no mercado audiovisual – uma das produções mais recentes que toca nessa questão é a minissérie “Angela Diniz: Assassinada e Condenada”, na HBO Max, que trata do assassinato de Ângela, em 1976, pelo namorado, Doca Street, que alegou “legítima defesa da honra”.

“Se existe um recrudescimento da cultura misógina, também existe uma resistência que se robustece”, ressalta. “A gente está letrando mais pessoas, o que gera certa intransigência em aceitar os casos. Eles chocam e mobilizam discussões. Não há o silêncio do tempo em que a violência contra a mulher ficava no mundo privado. Hoje, ela é um assunto do mundo público”, salienta. ■

mais fechadas e chegando ao público geral. Na primeira fase, foram usadas ferramentas de IA para analisar 76.289 vídeos e identificar os padrões da “mochosfera” brasileira. O trabalho também examinou formas de monetização.

A pesquisa apontou que, de 2018 a 2024, houve um aumento de canais no YouTube que pregavam a misoginia. Foram identificados 137, que publicaram 105 mil vídeos, atingindo 3,9 bilhões de visualizações. Segundo o relatório, 80% dos canais tinham alguma estratégia para ganhar dinheiro, desde os recursos próprios da plataforma – como anúncios e superchats – até a oferta de cursos, palestras e consultorias (do tipo “como pegar mulheres na balada”).

O trabalho provoca mais uma reflexão sobre a proliferação da misoginia no ambiente digital e sua consequente extensão para a “vida real”. Propagar esse tipo de conteúdo está relacionado à formação de comunidades, que envolvem inclusive os mais jovens. “Existe uma dimensão pedagógica. Há uma intenção de ‘ensinar’”, explica Luciane.

Caminhos para a mudança

O enfrentamento da violência contra a mulher demanda múltiplos esfor-

Os fricotes de Alcolumbre

Sabatina de Jorge Messias e decisão de Gilmar Mendes sobre impeachment de ministros do STF irritam presidente do Senado

João Vitor Revedilho, de Brasília

A semana do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), não começou como de costume. Normalmente calmo e articulando pelas beiradas, ele resolveu disparar uma metralhadora de recados. Na mira, estavam o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF).

O chefe do Congresso Nacional abriu a semana atacando o governo fe-

deral. Incomodado com a indicação de Jorge Messias, ministro-chefe da Advocacia-Geral da União (AGU), para uma das cadeiras do Supremo Tribunal Federal (STF), Alcolumbre enviou um duro recado ao Planalto após o atraso no envio da mensagem com o nome do escolhido. Em uma nota à imprensa, o presidente do Salão Azul disse haver uma tentativa de interferência indevida

do Executivo no Senado. Ele negou interesse na troca de cargos para bancar a aprovação do AGU.

A irritação ficou clara no documento. Alcolumbre percebeu a movimentação do Palácio para atrasar o envio da mensagem enquanto ele se articulava para adiar a sabatina, prevista para 10 de dezembro. O presidente do Senado tinha imposto um calendário apertado justamente para pressionar uma derrota ao Planalto, com a primeira indicação barrada para o STF desde 1894. Ao perceber o jogo de Alcolumbre – que defende o nome de Rodrigo Pacheco (PSD-MG) para o posto –, o governo intensificou a atuação para conquistar os votos necessários para a aprovação.

Na terça-feira, 2, Alcolumbre voltou a mirar no Planalto. No plenário, ele anunciou o cancelamento da sabatina e retomou o argumento de interferência na prerrogativa legislativa. “Essa omissão, de responsabilidade exclusiva do Executivo, é grave e sem precedentes. É uma interferência no cronograma da sabatina, prerrogativa do Legislativo”, afirmou, mencionando a demora no envio da mensagem ao Congresso. A decisão teve gosto de vitória para os governistas, que viram Messias atuando com mais tranquilidade no “beija-mão” para obter apoio dos senadores.

Gilmar Mendes limitou os pedidos de impeachment contra ministros do Supremo



ROSINEI COUTINHO/STF



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

Alcolumbre acusou o Planalto de querer interferir no cronograma da sabatina de Messias

Ao mesmo tempo, o governo reagiu para tentar apaziguar a relação e passou a enviar sinalizações para Alcolumbre. Gleisi Hoffmann, ministra da articulação política, foi a primeira a ir em defesa do presidente do Senado ao negar interesses fisiológicos em troca da aprovação de Messias. Depois, foi a vez do próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva mandar um sinal de paz para o chefe do Congresso por meio do senador Weverton Rocha (PDT-MA), relator da indicação ao STF e aliado tanto do governo quanto de Alcolumbre. Aos jornalistas, Rocha garantiu que Lula deve se reunir com o presidente do Senado nos próximos dias.

Outra sinalização partiu de Messias. O indicado enviou mensagem ao ministro Gilmar Mendes, do STF, solicitando que reconsiderasse a decisão, anunciada na quarta-feira, 3, que limitou à Procuradoria-Geral da República os pedidos de abertura de processo de impeachment contra ministros da Suprema Corte. Messias afirmou que a regra atual não é uma ameaça ao Judiciário e citou um projeto em tramitação no Senado, de autoria de Pacheco, que altera a Lei de Impeachment.

Na liminar que derrubou trechos da lei, Mendes entendeu que o artigo que liberava o pedido de processo para qualquer cidadão não estava em conformidade com a Constituição de 1988. A decisão deve passar pelo referendo do plenário do STF a partir do dia 12.

Indicado à vaga no STF, Messias buscar reverter a resistência a seu nome



ROSINEI COUTINHO/STF

A medida provocou a ira dos senadores. No plenário, Alcolumbre partiu para o ataque e declarou que o tema é uma prerrogativa do Legislativo e ameaçou mudar a Constituição para defender os interesses do Congresso. Parlamentares da direita citaram a tentativa de blindagem ao ministro Alexandre de Moraes, do STF, que sofre com ao menos 30 pedidos de impeachment no Salão Azul. Todos os requerimentos foram protocolados por bolsonaristas, em resposta ao processo que condenou o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) a 27 anos e três meses de prisão.

Governistas também adotaram um tom alto contra a decisão. Líder do governo no Congresso, o senador Randolfe Rodrigues (PT-AP) classificou a determinação como uma agressão.

“Ao longo do tempo, tenho manifestado várias vezes solidariedade a diversos membros do STF, sobretudo em decorrência de notórias e autoritárias agressões que eles têm sofrido. É lamentável que a agressão tenha vindo do outro lado da Praça dos Três Poderes”, criticou o senador.

Em meio ao caos, os senadores passaram a articular respostas ao Judiciário. Uma delas é a negociação para o avanço da proposta de emenda constitucional (PEC) que proíbe decisões monocráticas. O texto já foi aprovado pelo Senado, mas está travado na Câmara dos Deputados. Alcolumbre deve conversar com o presidente do Salão Verde, Hugo Motta (Republicanos-PB), sobre o tema.

Sabatina

Na quinta-feira, 4, Gilmar jogou mais um balde de água fria, dessa vez em Messias. O ministro recusou o argumento do AGU e manteve a decisão sobre o impeachment de membros da Corte, invalidando a tentativa do indicado de Lula de reverter a resistência a seu nome.

Após a decisão, o presidente do Senado descartou a sabatina ainda neste ano, enquanto aliados mais próximos acreditam que ele deve usar a mesma estratégia que fez com André Mendonça e segurar a votação por meses. Do lado do governo, todavia, há a expectativa de que a aprovação de Messias saia logo no começo de 2026. “Esse debate ficará para 2026. Pelo prazo que temos, isso torna inviável termos a sabatina ainda neste ano”, concluiu Randolfe. ■



CARLOS MOURA

Discórdias em família

Troca de farpas entre Michelle e filhos de Jair Bolsonaro expõem tensões da direita

O clã Bolsonaro vive momento de instabilidade e rachas internos que se aprofundam à medida que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) cumpre pena pela tentativa de golpe de Estado, deixando um vácuo de liderança. A mais recente discordia se deu pela troca de farpas públicas entre a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) e os três enteados – o senador Flávio (PL-RJ), o deputado licenciado Eduardo (PL-SP) e o vereador Carlos (PL-RJ) – por conta de negociações do partido no Ceará, que planejou apoiar o ex-presidenciável Ciro Gomes. O acor-

do, porém, foi posteriormente desfeito. O episódio começou quando Michelle criticou publicamente a aliança do PL com Ciro durante evento de lançamento da pré-candidatura do senador Eduardo Girão (Novo-CE). Os filhos se uniram contra a madrasta.

Inicialmente, Flávio declarou que Michelle extrapolou sua prerrogativa ao opinar em uma candidatura majoritária e se dirigir ao deputado André Fernandes, presidente do diretório cearense do PL, de forma “autoritária e constrangedora”. No X, Carlos endossou o irmão, dizendo que o grupo polí-

tico precisa estar “unido” e respeitar a liderança do ex-presidente sem se deixar levar por “outras forças”.

Eduardo se uniu ao coro e disse que a madrasta foi “injusta e desrespeitosa” com o correligionário. “Não vou entrar no mérito de ser um bom ou mau acordo; foi uma posição definida pelo meu pai. André não poderia ser criticado por obedecer o líder”, escreveu na plataforma.

Após a repercussão negativa, o PL suspendeu a negociação com Ciro e convocou reunião em Brasília para apaziguar o conflito e definir que futuras composições de chapas e alianças sejam tratadas internamente, evitando novos rachas públicos.

“(Houve) um ruído na nossa comunicação interna, já que as tratativas sobre todos os Estados do Brasil já vêm acontecendo, mas veio a público de forma muito prematura no Ceará”, afirmou Flávio a jornalistas após a reunião.

A relação conturbada do núcleo familiar e do setor representado pelo bol-

*Michelle contestou apoio do PL a Ciro Gomes.
Recebeu críticas de volta por parte dos enteados*



Brasil



Carlos, Eduardo e Flávio não receberam bem os comentários da ex-primeira dama a respeito do acordo que se costurava no Ceará

sonarismo não é novidade. Ela remonta a conflitos que se intensificaram na campanha presidencial.

Na ausência de uma figura centralizadora que coordene os posicionamentos e direções da direita brasileira, os seguidores de Jair Bolsonaro frequentemente discordam sobre o futuro da própria ala política.

Casos de família: Carlos

A crise familiar tem como ponto mais sensível o embate por protagonismo entre Michelle e Carlos Bolsonaro. A relação, sempre marcada por tensão e desconfiança, deteriorou-se publicamente com o aumento do protagonismo político da ex-primeira-dama.

Bolsonaro já chegou a admitir em entrevistas que Carlos e Michelle não se falavam, citando existência de “problema lá atrás” e uma possível “questão de ciúmes” entre os dois. A ex-primeira-dama confirmou o rompimento, afirmando publicamente que prefere manter distância do “filho 02” do marido para evitar maiores desentendimentos. Ela declarou ainda que o enteado demonstrava desaprovar o relacionamento do pai desde o princípio.

Nas vésperas do segundo turno de 2022, Michelle teria pedido que o enteado deixasse uma reunião no Palácio

do Planalto – atitude que gerou críticas e apelido de “falsa crente” entre aliados. A resposta veio após a derrota eleitoral, com Carlos – que gerenciava as redes de Jair – deixando de seguir a ex-primeira-dama no Instagram, o que motivou boatos sobre a desunião do casal bolsonarista.

Atritos com Flávio

Com o senador Flávio, Michelle também experimentou atritos desde que ela passou a ocupar palco dentro do PL. Quando Michelle assumiu a presidência nacional do partido ligada às mulheres, em março de 2023, seu crescimento interno provocou desconforto no senador. Pessoas próximas ao núcleo relatam que Flávio interpretou o novo protagonismo da madrasta como uma sombra sobre sua atuação e chegou a comentar que se sentia relegado em agendas partidárias em que ambos dividiam espaço.

O mal-estar ficou evidente em um jantar promovido no início de 2023 para parlamentares do PL, com a presença do presidente da sigla, Valdemar Costa Neto.

Ao perceber que Michelle participaria do encontro, Flávio deixou o local antes do fim. O episódio foi interpretado como mais um sinal das disputas

que, desde então, se tornaram frequentes entre os enteados e a madrasta.

Eduardo versus Tarcísio

Ambos candidatos ao espólio do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro e Tarcísio de Freitas (Republicanos) se desentenderam quando o deputado licenciado criticou publicamente a participação do governador nas negociações sobre o tarifaço imposto pelos Estados Unidos. Eduardo foi um dos responsáveis por articular as taxações nos EUA – onde reside atualmente – a fim de retaliar o próprio país pelo julgamento contra seu pai. Ele classificou a tentativa de resolução dessa questão por Tarcísio como um “desrespeito”, afirmando que buscava pressionar o ministro Alexandre de Moraes.

Mesmo após o governador de São Paulo tentar amenizar a situação ao afirmar que está focado em defender os setores produtivos de São Paulo, Eduardo voltou a atacá-lo nas redes, chamando o governador de “subserviente às elites”. Paralelamente, Tarcísio manteve sua agenda com empresários e representantes dos EUA para tratar dos impactos do tarifaço, enquanto o embate com o deputado seguia como mais um ponto de tensão dentro da direita. ■

Boiada solta

Congresso aprova mudanças que representam retrocessos ambientais, apontam especialistas climáticos



JOEDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

Senado aprova MP que cria Licença Ambiental Especial, uma modalidade expressa

A Câmara dos Deputados aprovou na noite de terça-feira, 2, a Medida Provisória 1.308/2025, que institui a Licença Ambiental Especial (LAE), espécie de concessão expressa, para obras consideradas estratégicas pelo governo federal. O texto, relatado pelo deputado Zé Vitor (PL-MG), seguiu para votação no Senado. Na tarde do dia seguinte, em uma votação que não durou nem dois minutos, os senadores aprovaram a medida, completando o que especialistas avaliam como o desmonte da legislação federal sobre licenciamento ambiental.

A decisão ocorre poucos dias após o Congresso derrubar 52 dos 63 vetos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à Lei Geral do Licenciamento

Ambiental, apelidada por ambientalistas de “PL da Devastação”.

A hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu, figura entre as maiores do mundo em capacidade instalada. A barragem de Fundão, operada pela Samarco em Mariana, funcionou por sete anos até seu colapso em 2015, que matou 19 pessoas e devastou a bacia do rio Doce. A estrutura da Mina Córrego do Feijão, pertencente à Vale em Brumadinho, tinha classificação de baixo risco quando se rompeu em janeiro de 2019, causando 272 mortes. Esses empreendimentos foram submetidos a processos formais de licenciamento ambiental. E os três, de formas distintas, expuseram tanto as falhas quanto a relevância desse instrumento de controle, criado em 1981.

O processo de flexibilização teve início com a aprovação do PL 2.159/2021, o número da proposta que foi apelidada pelo seu poder de devastação. Lula sancionou a nova Lei Geral do Licenciamento Ambiental em agosto, mas vetou 63 dos cerca de 400 dispositivos aprovados pelo Parlamento. Os vetos buscavam preservar a análise técnica de empreendimentos com potencial poluidor e garantir direitos de povos indígenas e quilombolas. O governo também editou a MP 1.308/2025, que instituiu a LAE, mantendo o licenciamento em três fases, ao contrário da versão original do Congresso, que previa processo monofásico.

Na quinta-feira, 27, poucos dias após o encerramento da COP30 em Belém, o Congresso derrubou a maioria dos vetos presidenciais. A sessão foi conduzida pelo senador Davi Alcolumbre (União-AP), que preside a casa. A votação aconteceu em um contexto de tensão entre o Legislativo e o Executivo: Alcolumbre articulava a indicação do senador Rodrigo Pacheco ao STF, mas Lula optou por nomear o advogado-geral da União, Jorge Messias.

A derrubada restabeleceu a Licença por Adesão e Compromisso (LAC), modalidade que dispensa estudos técnicos prévios e permite que o próprio responsável pelo empreendimento declare sua adequação ambiental. Parlamentares da oposição alertaram que estruturas semelhantes às que colapsaram em Mariana e Brumadinho poderiam ser licenciadas por esse mecanismo simplificado.

O parecer de Zé Vitor acrescentou novas hipóteses de dispensa de licença, como operações de dragagem em hidrovias. Também inseriu artigo direcionado à BR-319, rodovia entre Porto Velho e Manaus cujo licenciamento estava paralisado por decisão judicial.

Para Suely Araújo, coordenadora de políticas públicas do Observatório do Clima e ex-presidente do Ibama, esse conjunto de mudanças configura o maior enfraquecimento do licenciamento ambiental desde sua criação. “O Congresso Nacional comete um atentado histórico contra a saúde e a segurança dos brasileiros, contra o clima e contra o nosso patrimônio natural”, afirmou. ■



Consumo das famílias ficou praticamente estagnado no período de julho a setembro

Abaixo do esperado

PIB do Brasil cresce só 0,1% no terceiro trimestre e confirma perda de força da economia; expectativa do mercado é de expansão de 2,16% em 2025

Darlan Alvarenga

O PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil desacelerou ainda mais no terceiro trimestre e registrou um crescimento de apenas 0,1%, na comparação com o segundo trimestre, confirmado a tendência de enfraquecimento da economia brasileira.

Os números foram revelados pelo IBGE na quinta-feira, 4. Em valores correntes, o PIB totalizou R\$ 3,2 trilhões de julho a setembro.

O resultado ficou abaixo do esperado. Havia uma expectativa de avanço de 0,2% no período entre julho e setembro. Este é o trimestre mais fraco desde o quarto trimestre de 2024, quando a economia teve retração de 0,1%.

Na comparação com mesmo período do ano passado, o PIB brasileiro cresceu 1,8% no terceiro trimestre de 2025. No acumulado em 12 meses, o avanço é de 2,7% frente aos quatro

trimestres imediatamente anteriores. O IBGE também revisou para baixo o crescimento do segundo trimestre para 0,3%, ante leitura anterior de 0,4%.

Embora a agropecuária (0,4%) e a indústria (0,8%) tenham registrado crescimento, o setor de serviços, que tem maior peso na economia, ficou praticamente estável (0,1%). Pelo lado da demanda, o consumo das famílias ficou praticamente estagnado, registrando 0,1%. No primeiro e no segundo trimestres, houve crescimento de 0,6%. O consumo do governo cresceu 1,3%, enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo subiu 0,9% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

A taxa de investimento no terceiro trimestre ficou em 17,3%, o que representa uma ligeira redução em relação ao mesmo período de 2024 (17,4%). Já a taxa de poupança foi de 14,5%, igua-

lando o patamar do terceiro trimestre do ano passado. Entre os subsetores da indústria, houve desempenho positivo nas indústrias extrativas (1,7%), na construção (1,3%) e nas indústrias de transformação (0,3%). Mas a atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos recuou 1,0%.

Nos serviços, foram destaques positivos transporte, armazenagem e correio (2,7%), informação e comunicação (1,5%), atividades imobiliárias (0,8%), comércio (0,4%), administração, defesa, saúde e educação públicas e segurança social (0,4%) e outras atividades de serviços (0,2%). Por outro lado, caíram as atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (-1,0%).

Perspectivas

Apesar do mercado de trabalho aquecido, a economia brasileira enfrenta em 2025 a pressão de uma política monetária restritiva, com a taxa básica de juros mantida em 15%, o que encarece o crédito e afeta decisões de investimento.

O Banco Central volta a se reunir na próxima semana e deve optar pela manutenção da Selic, após ter sinalizado convicção de que isso assegurará a volta da inflação à meta de 3%.

A expectativa atual do mercado para o PIB, segundo o último boletim Focus, é de um crescimento de 2,16% em 2025 e de 1,78% para 2026, após a expansão de 3,4% registrada em 2024. O governo, no entanto, projeta avanço de 2,3% do PIB neste ano.

“Os dados mostram que os juros altos já estão colocando algum freio na economia, mas não esperamos uma desaceleração forte. Na nossa visão, o mercado de trabalho aquecido e os estímulos promovidos pelo governo, como o aumento da isenção do Imposto de Renda, que passará a valer em 2026, devem manter a economia brasileira em expansão, ainda que em ritmo mais moderado”, avaliou Claudia Moreno, economista do C6 Bank.

O Itaú afirmou que sua estimativa preliminar para o quarto trimestre indica um ritmo de crescimento semelhante ao observado no terceiro trimestre. “Assim, devemos manter nossa projeção de 2,2% para o crescimento do PIB neste ano”, disse. ■

Bets e fintechs contra a parede

Projeto aprovado na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado amplia a carga tributária de apostas online e instituições financeiras; ele segue para a Câmara

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado aprovou, na terça-feira, 2, um projeto de lei que eleva a tributação sobre apostas online, as bets, e sobre fintechs. A proposta tem tramitação terminativa. Na prática, isso significa que, caso não haja recurso apresentado por senadores, o texto seguirá diretamente para análise da Câmara dos Deputados, sem precisar passar pelo plenário do Senado.

Medidas incluídas no texto faziam parte da MP 1303, deixada caducar pelo Congresso em uma derrota para o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O projeto aprovado eleva a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) de 9% para 15% para instituições de pagamento, administradoras de mercado de balcão organizado, bolsas de valores e de mercadorias e futuros, além de entidades de liquidação e com-

pensação. Durante a tramitação, foi incluído um período de transição. Com o ajuste, a alíquota irá a 12% em 2026, subindo a 15% apenas a partir de 2028.

Para sociedades de capitalização e sociedades de crédito, financiamento e investimento, a CSLL vai passar de 15% para 17,5% em 2026 e alcançar 20% em 2028. A carga sobre os bancos permanece em 20%, mantendo o patamar mais elevado do setor.

No caso das apostas online, o projeto estabelece que a tributação sobre a receita bruta das empresas passará de 12% para 18%. A versão anterior previa uma alíquota de 24%, mas o percentual foi reduzido durante a tramitação no Senado. Assim como nos demais casos, a elevação será feita de forma gradual, chegando até 2028.

Outra mudança relevante diz respeito à tributação dos juros sobre capital próprio (JCP). O Imposto de Ren-

da cobrado sobre essa modalidade de remuneração aos acionistas subirá de 15% para 17,5%. Já a distribuição de dividendos aprovada pelas empresas até 30 de abril de 2026 permanecerá isenta de imposto, como forma de evitar conflito com as novas regras aprovadas recentemente para taxação de rendimentos acima de R\$ 50 mil mensais.

O relator do projeto, senador Eduardo Braga (MDB-AM), retirou dispositivos que alteravam prazos para a aprovação de distribuição de lucros e dividendos referentes a 2025. A mudança foi feita a pedido do Ministério da Fazenda, após críticas de que haveria insegurança jurídica e conflito com a lei do Imposto de Renda sancionada no mês passado.

Além do impacto fiscal, o aumento de tributos sobre as bets também reacendeu o debate sobre os efeitos sociais das apostas. Estudo recente aponta que jogos de azar e apostas online geram perdas econômicas e sociais estimadas em R\$ 38,8 bilhões por ano no Brasil, considerando impactos como endividamento, desemprego, afastamentos do trabalho, gastos com saúde e até casos de suicídio. Para efeito de comparação, esse valor equivale a um acréscimo de 26% no orçamento anual do programa Minha Casa, Minha Vida.

O setor de apostas reagiu contra o aumento da carga tributária. Em nota, representantes das empresas afirmam que a medida pode estimular o crescimento do mercado ilegal. Segundo estudo da LCA Consultoria Financeira, entre 41% e 51% das apostas no Brasil ainda ocorrem em plataformas não autorizadas, movimentando cerca de R\$ 40 bilhões por ano e gerando uma perda estimada de R\$ 10,8 bilhões em arrecadação. A cada 5 pontos percentuais de formalização do mercado, o país poderia arrecadar cerca de R\$ 1 bilhão adicional. ■

O projeto estabelece que a tributação sobre a receita bruta das empresas de apostas online passará de 12% para 18%.

ANNA TOLPOVA/FREERIK



Catástrofe climática

Chuvas intensas, inundações e três ciclones sucessivos deixam mais de 1,4 mil mortos e milhões de atingidos em quatro países do Sudeste Asiático



Governo do Sri Lanka declarou estado de emergência após passagem do ciclone Ditwah

Mais de 1,4 mil pessoas morreram e milhões foram afetadas por uma sequência devastadora de enchentes e deslizamentos de terra que atingiu o Sudeste Asiático desde a semana passada. Milhares seguem desaparecidas, vilarejos inteiros foram isolados por dias, e centenas de milhares de moradores precisaram abandonar suas casas em meio a pior crise climática enfrentada pela região em décadas.

A tragédia teve início com a formação quase simultânea de três sistemas extremos. No dia 23, o tufão Koto se formou no Pacífico e avançou das Filipinas em direção ao Vietnã. Poucos dias depois, o ciclone Senyar surgiu no Estreito de Malaca (entre Malásia,

Tailândia e a ilha de Sumatra, na Indonésia), um evento raríssimo naquela latitude. Na sequência, o ciclone tropical Ditwah cruzou o Sri Lanka, provocando chuvas torrenciais e uma onda de deslizamentos no centro da ilha. A sucessão rápida de tempestades não deu tempo para que o solo absorvesse a água, intensificando os alagamentos.

Na Indonésia, as chuvas mais severas começaram no dia 26, sobretudo em Sumatra. Enchentes e deslizamentos destruíram estradas, casas e pontes, deixando quase 300 mil deslocados apenas nas províncias de Sumatra do Norte, Sumatra Ocidental e Aceh. O número de mortos no país supera 780, com centenas ainda desaparecidas.

Imagens de satélite mostram vales inteiros tomados por lama, pedras e troncos arrancados das encostas.

O Sri Lanka sofreu o pior impacto do ciclone Ditwah. Pelo menos 410 pessoas morreram no país, outras centenas permanecem desaparecidas e mais de 1,3 milhão foram afetadas direta ou indiretamente. Mais de 218 mil buscaram abrigo em centros emergenciais. Deslizamentos atingiram áreas de cultivo de chá nas regiões montanhosas, enquanto encheres cobriram bairros inteiros na capital Colombo. O governo declarou estado de emergência e pediu ajuda internacional, classificando o episódio como o maior desastre natural desde o tsunami de 2004.

Na Tailândia, ao menos 185 mortes foram confirmadas, concentradas na região ao sul do país. A cidade de Hat Yai registrou 335 milímetros de chuva em um único dia — o maior volume em cerca de 300 anos. Hospitais chegaram a usar caminhões refrigerados para armazenar corpos.

Meteorologistas explicam que as águas excepcionalmente quentes no entorno da região (acima de 29°C) funcionaram como combustível extra para a formação e intensificação dos ciclones. Um intervalo atípico, de poucos dias entre uma tempestade e outra, impediu a dissipação da energia acumulada na atmosfera. O resultado foi uma cadeia de eventos extremos descrita por especialistas como “desastres compostos”.

Além dos fatores climáticos, ambientalistas apontam que o desmatamento, a ocupação irregular de encostas e a urbanização sem planejamento ampliaram drasticamente os efeitos das chuvas. Na Indonésia, a retirada ilegal de florestas eliminou a capacidade natural do solo de absorver água, transformando enxurradas em ondas destrutivas.

Tragédias como essa podem se tornar cada vez mais frequentes, alertam cientistas. A atmosfera mais quente retém cerca de 7% mais vapor d'água a cada grau de aquecimento, o que intensifica as chuvas. Oceanos aquecidos, por sua vez, tornam os ciclones mais fortes. Sem cortes rápidos nas emissões de combustíveis fósseis e investimentos em adaptação, como restauração de florestas e proteção de encostas, o risco é o mundo testemunhar mais eventos extremos. ■



Trump e Maduro tiveram uma conversa telefônica “respeitosa e cordial”

Olho no quintal alheio

Atuação de Donald Trump remonta a histórico de interferências políticas em outros países

Os Estados Unidos têm um longo histórico de intervenções políticas em outros países, que remonta há décadas. Entre 1947 e 1989, período que coincide com a Guerra Fria, a Casa Branca tentou mudar os governos de outros países 72 vezes – seis delas abertamente –, segundo uma análise da cientista política Lindsey A. O'Rourke, do Boston College, publicada no jornal americano *The Washington Post*.

Outro cientista político, Dov Levin, contabilizou em um livro publicado em 2021 mais de 80 intervenções desde o fim da Segunda Guerra Mundial – mais do que qualquer outro país.

Mas nenhum presidente da história moderna americana tentou interferir tão descaradamente em governos estrangeiros quanto Donald Trump. O líder republicano tem apoiado abertamente seus aliados de ultradireita em outras nações, e recorre para isso frequentemente a postagens em sua rede social própria, a Truth Social.

No exemplo mais recente de estratégia de intervenção, Trump ameaçou “consequências” para Honduras caso o candidato apoiado por ele, o conservador Nasry “Tito” Asfura, do Partido Nacional, não vença. Ele define Asfura como “único amigo de verdade da liberdade” contra o “narcocomunismo”.

O presidente dos EUA parece especialmente confortável em declarar

suas preferências políticas a respeito de outros países na América Latina, onde o histórico de intervenções da Casa Branca é longo e vasto.

A Colômbia, por exemplo, presidida pelo esquerdistas Gustavo Petro – um franco antagonista de Trump –, foi punida em outubro por Washington com um corte de verbas milionárias para o combate ao narcotráfico. A medida veio na sequência de crítica feita por Petro aos EUA pelos ataques mortais a embarcações no Caribe e no Pacífico supostamente a serviço do tráfico de drogas. O presidente colombiano foi chamado de “lunático” pelo chefe da diplomacia americana, Marco Rubio, e de “barão da droga” por Trump.

No Brasil, a Casa Branca enquadrou o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), na Lei Magnitsky e impôs tarifas sobre os produtos brasileiros enviados aos EUA em reação ao processo pelo qual Jair Bolsonaro (PL), aliado de Trump, foi condenado por tentativa de golpe de Estado. Mas, depois que houve “química” entre os dois mandatários, o quadro mudou de configuração.

Na Argentina, governada pelo ultradireitista Javier Milei, Trump sinalizou bilhões de dólares em socorro financeiro antes das eleições legislativas. Desse valor, US\$ 20 bilhões foram formalizados após resultado favorável

para Milei no pleito. “Ele teve muita ajuda de nossa parte. Eu lhe dei uma garantia muito forte”, disse Trump após a eleição argentina.

Já a Venezuela se vê atualmente cercada por um contingente militar americano massivo no Caribe – que inclui o maior porta-aviões do mundo –, supostamente destinado a combater “narcomotrizistas” na região. Nos últimos meses, os EUA têm aumentado a pressão sobre o regime de Nicolás Maduro, afirmado que seu governo é ilegítimo e associando-o a cartéis de drogas e ao terrorismo. Recentemente, foi revelado que Trump e Maduro tiveram uma conversa telefônica “respeitosa e cordial”. Detalhes, porém, não foram divulgados. O venezuelano, porém, sugeriu que o diálogo pode abrir espaço para uma possível reaproximação entre os países.

Em meio a isso, circulou nesta semana a notícia de que o empresário Joesley Batista, proprietário da JBS, viajou a Caracas na tentativa de persuadir Maduro a atender a um pedido de Trump para que renuncie. De acordo com a Bloomberg, o brasileiro esteve com Maduro no dia 23, depois da tal conversa telefônica. Autoridades do governo Trump estariam cientes dos planos de Batista de visitar Caracas. “Joesley Batista não é representante de nenhum governo”, declarou a J&F SA, holding da família Batista. ■

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Honduras

Empate técnico nas urnas amplia tensão eleitoral no país

A disputa presidencial em Honduras está indefinida. O apresentador Salvador Nasralla somou cerca de 40% dos votos do primeiro turno, contra pouco mais de 39% de Nasry Asfura, candidato apoiado por Donald Trump. O pleito representa um revés para a esquerda da presidente Xiomara Castro. A campanha foi marcada por forte interferência externa e retórica anticomunista. Em um dos países mais pobres e violentos da América Latina, a indefinição amplia o clima de instabilidade política.



Peru

Deslizamento em porto deixa 12 mortos

Um deslizamento de terra em um porto fluvial da região de Ucayali, no centro do Peru, deixou ao menos 12 mortos, entre eles três crianças, e cerca de 30 desaparecidos. A tragédia ocorreu de madrugada no porto de Iparia, quando a erosão da margem arrastou e afundou duas embarcações, uma delas com cerca de 50 pessoas. As buscas foram dificultadas pela cheia do rio, forte correnteza, troncos e neblina, segundo o Centro de Operações de Emergência Nacional.

Chile

Promessa de expulsões acende crise migratória regional

A duas semanas do segundo turno das eleições no Chile, a migração virou o centro da disputa política. Favorito nas pesquisas, o candidato de direita José Antonio Kast promete expulsar cerca de 330 mil imigrantes em situação irregular, em sua maioria vindos da Venezuela. O discurso já provoca efeitos na região: o Peru decretou estado de emergência na fronteira e reforçou o controle militar na área de Tacna, próxima a Arica, diante do risco de uma saída em massa de migrantes do território chileno.

Líbano**Visita do papa é marcada por apelos à paz**

Em passagem histórica por Beirute, o papa Leão XIV reuniu cerca de 150 mil fiéis em missa ao ar livre e fez um duro apelo pelo fim dos ataques e das hostilidades no país, marcado por instabilidade e tensões regionais. O pontífice pediu novas abordagens para a paz e valorizou o diálogo entre religiões. Antes do Líbano, Leão XIV esteve na Turquia, em sua primeira viagem internacional, reforçando o tom diplomático e humanitário de seu início de pontificado.

**China****Incêndio que causou 159 mortes revela falhas graves em obras**

O incêndio no complexo residencial Wang Fuk Court, em Hong Kong, já soma 159 mortos, após a conclusão das buscas nas torres atingidas. As chamas se espalharam rapidamente por redes plásticas usadas em andaimes de bambu que não obedeciam às normas contra incêndio, segundo as autoridades. Pelo menos 15 pessoas foram presas por homicídio culposo, entre responsáveis por obras e fornecedores de materiais irregulares. O governo criou um comitê independente para apurar responsabilidades, enquanto famílias ainda aguardam a identificação final de vítimas.

Taiwan**Plano militar contra ameaça chinesa tensiona região**

O presidente de Taiwan, Lai Ching-te, anunciou um aumento bilionário dos gastos em defesa para elevar a força militar até 2027, diante das ameaças da China, que reivindica a ilha e não descarta o uso da força. A tensão se agravou após a premiê do Japão, Sanae Takaichi, declarar, em novembro, que Tóquio poderia intervir em caso de ataque chinês, provocando reação diplomática de Pequim e alertas de segurança na região.

A epidemia que não se percebe

Doença renal crônica é a nona causa de morte no mundo, aponta estudo que analisou dados de 204 países, incluindo o Brasil

Marina Fornazieri



RAWPIXEL.COM/FREERIK

A doença renal crônica (DRC) atinge cerca de 14% da população adulta e já é a nona maior causa de morte no mundo, mostra estudo publicado na revista The Lancet. O trabalho analisou dados de 204 países, incluindo o Brasil, e revelou que, somente em 2023, em termos globais, 1,48 milhão de pessoas morreram por consequência dessa enfermidade.

Em geral, a DRC acontece quando os rins perdem a capacidade de fazer suas funções essenciais, de maneira progressiva e irreversível. Entre elas estão filtrar toxinas, eliminar o excesso de água e controlar a pressão arterial.

Se não for tratada, a doença pode evoluir para a falência dos rins, exigindo diálise ou transplante, aumentando

as chances de doenças cardiovasculares e o risco de morte. No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, 10% da população sofre com o mal, mas boa parte não o descobre tão cedo.

“É uma doença silenciosa. Muitos pacientes podem não perceber sinais até as fases avançadas”, diz o presidente da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), José Andrade Moura Neto. O número de atendimentos na Atenção Primária à Saúde subiu 152% entre 1990 e 2023, pelos dados do ministério. Em 2024, mais de 42 mil pessoas estavam na fila para o transplante de rim, procedimento que pode ser necessário nos estágios mais avançados.

Esse cenário pode estar relacionado à melhoria do acesso à saúde e, conse-

quentemente, ao diagnóstico da doença, mas também ao aumento dos fatores de risco, explica José Osmar Medina Pestana, superintendente do Hospital do Rim da Universidade Federal de São Paulo. “Está crescendo porque a população envelhece. Há mais pessoas com sedentarismo, diabetes, obesidade e hipertensão, condições que favorecem a chance de desenvolver a doença renal crônica”.

Sem ter uma causa específica, o problema está associado à obesidade e às doenças cardiovasculares. “A obesidade eleva a pressão arterial, a resistência à insulina e a inflamação, fatores que sobrecarregam os rins. Já as doenças cardiovasculares reduzem a perfusão renal (fluxo sanguíneo dos rins) e aceleram a perda de função de tais órgãos”, esclarece Moura Neto.

Por ser uma enfermidade de progressão lenta, pode demorar para que o organismo manifeste algum sintoma. “Até a função renal chegar na capacidade de 30%, a pessoa não vai ter sintomas. O tempo para chegar nesse estágio pode variar entre 10 e 15 anos”, ressalta Pestana.

Entre os primeiros sinais estão a pressão alta, que pode causar dor de cabeça, e a vontade de urinar várias vezes à noite. Com o tempo, podem surgir sintomas como fadiga, fraqueza, náuseas e incômodo ao urinar. Então, como identificar a doença? O diagnóstico pode ser feito por meio de dois exames: o de urina, para detectar a presença de albumina, e o de creatinina, via coleta de sangue.

Para prevenir o problema, é essencial controlar pressão alta e diabetes, responsáveis por cerca de 60% dos casos, alerta o presidente da SBN. Ter um estilo de vida saudável, o que inclui não fumar e ter atividade física, é uma das formas mais eficazes de evitar a DRC. Além disso, é importante realizar anualmente os exames que detectam esse mal. Ante o avanço da doença, o diagnóstico precoce e a prevenção são as principais ferramentas para mudar essa trajetória. ■

Baseada em livro de Yuval Harari, "Ficções" está em sua terceira temporada



DIVULGAÇÃO

Fenômeno dos palcos

Estrela da peça "Ficções", Vera Holtz fala de humanidade e faz um convite à reflexão sobre o que nos organiza como espécie: de crenças a sistemas políticos

Por quatro décadas, Vera Holtz tem desafiado classificações simples. É dessas artistas capazes de atravessar gêneros, linguagens e gerações, circulando pela comédia, pelo drama, pela televisão, pelo cinema e pelo palco com uma naturalidade rara. Aos 72 anos, seu nome não apenas evoca solidez: evoca inquietação, ousadia, ruptura. Não é surpresa, portanto, que seja a figura por trás de "Ficções", obra que se tornou um fenômeno do teatro brasileiro contemporâneo, desses que dialogam

com o tempo presente sem jamais subestimar a inteligência de quem assiste.

De volta ao Teatro Faap, em São Paulo, onde cumpre sua terceira temporada até 21 de dezembro, "Ficções" emerge como um convite à reflexão sobre aquilo que nos organiza como espécie: crenças, mitos, sistemas políticos, economia, religião, linguagem e as múltiplas ficções coletivas que sustentam as estruturas humanas. Inspirado no best-seller global "Sapiens: Uma Breve História da Humanidade",



de Yuval Noah Harari, o espetáculo dirigido por Rodrigo Portella acumula prêmios, indicações e plateias lotadas desde sua estreia. São mais de 160 mil espectadores, uma longa circulação pelo Brasil, três meses em Portugal e, sobretudo, um impacto emocional que Vera descreve como "profundamente transformador".

A encenação é um híbrido singular: teatro, filosofia, humor, música e jogo cênico se entrelaçam. Em cena, Vera se multiplica em diversas identidades e conduz o público a um percurso que é tanto racional quanto sensorial. Ao seu lado, o músico italiano Federico Puppi, com seu violoncelo, desenha uma dramaturgia sonora que faz do espetáculo um diálogo entre palavra e vibração.

Nos últimos anos, a atriz tem se dedicado ao teatro, num movimento que define como "natural, caótico e extremamente vital". Entre prêmios importantes, como Shell e APT (Associação dos Produtores de Teatro) de Melhor Atriz, Vera olha para trás com o distanciamento de quem sabe que "Ficções" não é apenas uma obra: é um capítulo marcante de sua trajetória.

Nesta entrevista, Vera revisita seu processo criativo, comenta escolhas estéticas, aborda o protagonismo feminino, reflete sobre teledramaturgia e sobre o estado emocional do país, sempre com a lucidez e o frescor que a tornaram uma das intérpretes mais respeitadas do Brasil.

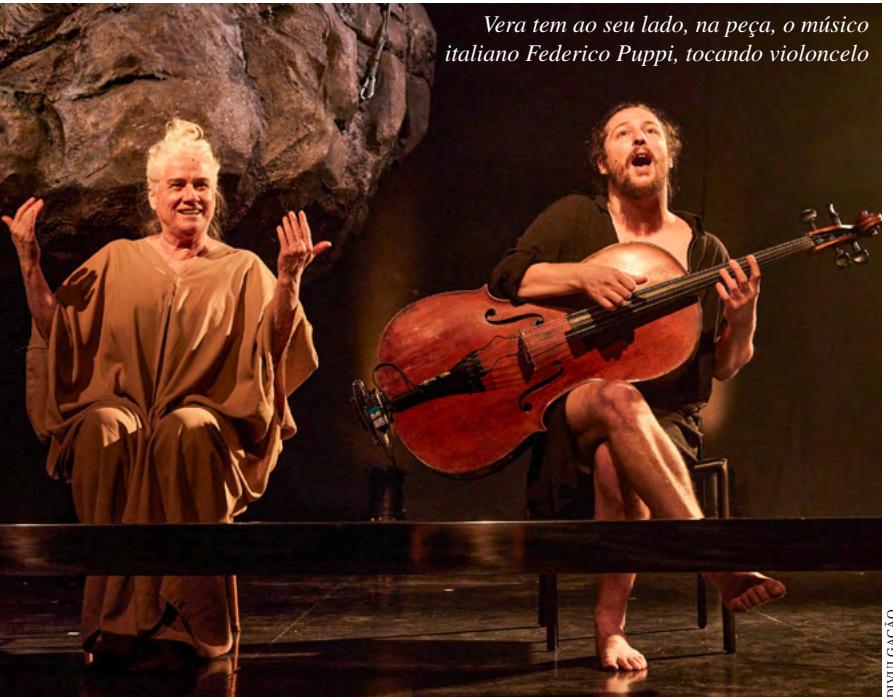
"Ficções" está em sua terceira temporada. O que mantém viva a potência do espetáculo?

O encontro. A potência vem do encontro entre a obra e a plateia. É um espetáculo que só acontece coletivamente. Instigamos e provocamos o público o tempo todo, sem dar respostas prontas, falando sobre a humanidade e sua extraordinária capacidade de criar e de crer coletivamente.

A peça é inspirada em "Sapiens", de Harari. O que te motivou a transformá-la em teatro?

Fui convidada para fazer "Ficções". A obra foi comprada pelo Felipe Heráclito Lima [idealizador da peça], que

Vera tem ao seu lado, na peça, o músico italiano Federico Puppi, tocando violoncelo



ficou anos planejando essa produção. Depois, ela passou pela adaptação e direção do Rodrigo Portella. Quando chegou até mim, já tinha sido vivenciada por outras mãos e já vinha com a ideia de ser interpretada por uma mulher. Eu recebi a obra desse jeito.

O espetáculo aborda as ficções coletivas que moldam a humanidade. Qual delas você enxerga com mais impacto hoje?

Todas: dinheiro, leis, religiões, idiomas, nomes das coisas, ideologias... tudo impacta. A humanidade não existe sem seus mitos. A peça até toca em uma ficção específica: a ideia de que algumas pessoas seriam "privilegiadas", como se uns nascessem para ser boi e outros seriam parte da boiada. Eu uso algumas ficções, religião, dinheiro, porque fazem parte da vida. Mas a pergunta que fica é: será?

A narradora da peça é uma mulher. Muitas vezes, você assume essa voz. Como surgiu essa escolha?

A ideia foi da Alessandra Reis, uma das produtoras. Ela achava que, no momento atual, não faria sentido contar a história da humanidade, mesmo em recorte, sem uma voz feminina, pelo

protagonismo das mulheres hoje. Concordei totalmente. Acho muito interessante que essa história seja contada por um sapiens fêmea.

A montagem sugere que moldamos o mundo, mas não nos tornamos mais felizes.

Não falamos exatamente disso. Falamos da nossa capacidade de moldar o mundo. E, se você pode moldar, pode criar. Se cria, pode descriar. Tudo é ficção, tudo é um sistema de crenças. A peça provoca nessa direção: se criamos crenças, podemos criar novas. O espetáculo é um grande jogo. Criamos regras do tipo: "Se disser que sou um asno, vocês acreditam que sou um asno".

Você foi premiada com Shell e APTR de Melhor Atriz, e a peça tem quase 40 indicações. O que significa esse reconhecimento?

Um prêmio é sempre coletivo. Mesmo que o nome seja "Vera Holtz", há um autor, um adaptador, uma equipe técnica, produtores... Todos fazem o espetáculo acontecer. Eu levo essa galera comigo. E sempre dedico meus prêmios ao Antônio Abujamra [ator, diretor teatral e de televisão], que me ensinou muito.

Nos últimos anos você se afastou do audiovisual para focar no teatro. Por quê?

Minha vida é uma sucessão caótica de acasos, ainda bem que não é programada. As coisas foram acontecendo naturalmente. Assim como sempre estive no auditório, agora estou no palco. Eu adoro essa ideia do caos.

"Ficções" tem quase 400 apresentações e mais de 160 mil espectadores. Qual o diferencial?

O retorno do público. Cada cidade nos ensinou por que o espetáculo provoca reflexões profundas sobre a condição humana. A pessoa tem uma hora e meia para pensar em si como "Homo sapiens" criando uma humanidade extraordinária.

Alguma reação do público te emocionou mais?

Foram 300 apresentações, vários estados, Portugal... aprendemos muito, e isso emociona. Teatro não é fácil. É um espaço sagrado para refletir. Não tem fake news: é você e o público por 1h30, no imaginário, pensando a humanidade. O espetáculo provoca, morde e assopra. E cada sessão é única.

Como você enxerga hoje a teledramaturgia e a onda de remakes na Globo?

É uma tendência global. "O Diabo Veste Prada 2" é um exemplo disso. A Globo está alinhada com esse movimento. Vão fazer uma continuação de "Avenida Brasil". Viajei recentemente e fui reconhecida em vários lugares como Mamãe Lucinda. O alcance da teledramaturgia brasileira é extraordinário. Espero que continue assim.

O que mais tem te motivado na arte hoje?

Eu não sei viver longe disso. Não sei viver sem exposição, dança, artes visuais. Tudo é criação, até o que não interVENHO: uma flor, uma fruta que cai, um pássaro na janela. A natureza traz sua arte, e o ser humano cria imagens, dança, cinema, tudo. Gosto de estar perto das pessoas que transformam a realidade e enxergam o mundo de formas diversas. ■



ADRIANN FONTES/FLAMENGO

O time rubro-negro garantiu o título ao derrotar o Ceará no Maracanã por 1 a 0

Campeão com todos os méritos

Flamengo coroa a temporada com a conquista do Brasileirão, quatro dias depois de levar a Libertadores

O Campeonato Brasileiro 2025 tem dono: o Clube de Regatas Flamengo. O rubro-negro se sagrou campeão da principal competição do país com uma rodada de antecedência, após vencer o Ceará por 1 a 0, no Maracanã, na quarta-feira, 3. A conquista coroa uma temporada marcadamente de glórias. Apenas no campeonato nacional, o Flamengo foi a equipe que mais venceu e a que mais marcou gols ao longo da competição.

O título brasileiro, o nono na história da agremiação, veio quatro dias depois de outra conquista estelar: a Libertadores. No sábado, 29, o Flamengo se tornou o primeiro clube brasileiro tetracampeão do torneio latino-americano. O rubro-negro venceu o Palmeiras por 1 a 0 (gol de Danilo) no estádio Monumental de Lima, no Peru.

Com mais essa taça da Libertadores – as demais vieram em 1981, 2019 e 2022 –, o time carioca garante vaga no Intercontinental e no Mundial de 2029. Vale explicar: o novo Mundial de Clubes, criado pela Fifa, é disputado a cada quatro anos. A entidade manteve o que antes era conhecido por mundial, mas agora sob o nome Intercontinental, disputado no fim de cada temporada.

Desde 2019, ao menos um time daqui participa da decisão da Libertadores. Nos últimos seis anos, esta foi a quinta final 100% verde-e-amarela. O técnico da equipe rubro-negra, Filipe Luís, que já tinha sido campeão da Libertadores em 2019 e 2022 como atleta – e vice em 2021 –, triunfou pela primeira vez na competição como treinador profissional, carreira que abraçou há pouco mais de um ano.

De volta ao Brasileirão, o gol que assegurou o título foi marcado por Samuel Lino. Durante o campeonato, porém, o grande nome foi o de Giorgian De Arrascaeta. O uruguai só não fez chover no campeonato. Ele disputou 33 partidas, sendo 30 como titular, marcou 18 gols e ainda distribuiu 14 assistências, somando 32 participações diretas em gols na competição nacional. Nas redes sociais, ele escreveu: “Que saudades eu estava de ganhar o Brasileiro” – a conquista anterior foi em 2020.

Com o Brasileirão 2025, o Flamengo encerra mais um capítulo marcante de sua história. Este ano será lembrado por muito tempo pela torcida. Fora os dois torneios, o time ainda faturou a Supercopa do Brasil e o Carioca. ■

Clube de R\$ 2bi

Com a conquista da Libertadores, o Flamengo se tornou o primeiro clube brasileiro da história a atingir uma receita de R\$ 2 bilhões em um único ano. No campeonato sul-americano, o time levou US\$ 24 milhões de premiação (cerca de R\$ 128 milhões no câmbio atual) pela vitória na final. Além disso, o Flamengo faturou US\$ 3 milhões (R\$ 16,4 milhões) pela participação na fase de grupos e outros US\$ 330 mil (R\$ 1,8 milhão) por vitória acumulada no torneio.

O título chega em um momento em que o Flamengo já vinha registrando receitas históricas. Segundo relatório recente, o clube contabilizou cerca de R\$ 1,56 bilhão nos primeiros três trimestres de 2025, o maior montante já registrado por uma equipe brasileira nesse período.

Entre as principais fontes de renda estão premiações, negociações de jogadores, patrocínios, direitos de transmissão e outras receitas operacionais. Para efeito de comparação, em 2024 o clube também apresentou desempenho expressivo: R\$ 1,28 bilhão.

Faturar R\$ 2 bilhões é um feito único, mas mesmo metade desse valor ainda é uma grande raridade no futebol brasileiro. Até então, apenas três clubes haviam alcançado a marca de R\$ 1 bilhão em receita em um único ano: Palmeiras e Corinthians, além do rubro-negro.

Colaborou Eduardo Vargas



Inter precisa vencer o Bragantino e torcer por uma combinação de resultados

A luta dos desesperados

Última rodada do Campeonato Brasileiro 2025 promete briga intensa contra o rebaixamento

André Ruoco

O Brasileirão 2025 chega ao fim no domingo, 7. Com o Fluminense já definido como campeão, a grande disputa da derradeira rodada será na parte de baixo da tabela, na famosa luta contra o rebaixamento. Juventude e Sport já não têm mais chances de se salvar e estarão na Série B em 2026. Porém, ainda restam duas vagas a serem preenchidas. Nesta briga particular estão seis times: Atlético-MG, Santos, Ceará, Fortaleza, Vitória e Internacional.

A situação mais complicada, no momento, é a de Internacional e Vitória. Ambos estão na zona de rebaixamento e, além de vencerem seus jogos, ainda dependem de resultados paralelos para escapar da queda. Segundo dados do Departamento de Matemática da

UFMG, o Colorado tem mais de 77% de chance de rebaixamento, enquanto o Vitória ultrapassa 65%.

O Inter ocupa a 18ª colocação, com 41 pontos conquistados. Para escapar, antes de mais nada, precisará vencer obrigatoriamente o Red Bull Bragantino. Em caso de empate ou derrota, estará rebaixado pela segunda vez em sua história. Mesmo garantindo a vitória, ainda dependerá de uma série de combinações: o Vitória não pode derrotar o São Paulo no Barradão; o Fortaleza precisa ser batido pelo Botafogo — caso empate, a decisão vai para o saldo de gols, atualmente de dois, com vantagem para o Fortaleza (-13 contra -15); o Ceará não pode pontuar contra o Palmeiras, já que, em caso de empate, a disputa também seria no saldo,

e a diferença é grande, com o Vozão registrando -4 e o Inter -15, saldo que piorou para o time gaúcho nas últimas rodadas após as derrotas por 5 a 1 para o Vasco e 3 a 0 para o São Paulo. Matematicamente, ainda existe a possibilidade de alcançar o Santos, mas isso exigiria a derrota do Peixe para o Cruzeiro e ainda a recuperação de sete gols de saldo, algo bastante improvável. Assim, os três pontos contra o Bragantino não são suficientes: por estar na 18ª posição, o Colorado precisa que duas dessas combinações aconteçam para permanecer na elite.

A situação do Vitória também não é simples, especialmente após a derrota por 4 a 0 para o Red Bull Bragantino na quarta-feira, 3. Com os resultados da 37ª rodada, os principais adversários

do Leão na luta contra o descenso são Ceará e Fortaleza, ambos com 43 pontos, e o Santos, com 44. Para garantir a permanência, o Vitória precisa vencer o São Paulo, em Salvador, e torcer para que um dos dois rivais cearenses não vença seus compromissos, ou para que o Santos seja derrotado na última rodada. Se qualquer uma dessas situações acontecer, já será suficiente para que o time baiano escape da queda. Em um cenário em que Ceará e Fortaleza vençam e o Santos empate com o Cruzeiro, o Vitória até poderia terminar com a mesma pontuação do Peixe, com 45 pontos, mas precisaria golear o São Paulo por uma diferença de 10 gols para se salvar — algo claramente improvável.

Fora da zona de rebaixamento, Ceará e Fortaleza somam 43 pontos e dependem apenas de si para seguirem na elite. Uma vitória simples já garante a permanência de ambos na Série A em 2026. O Vozão enfrentará o Palmeiras no Castelão, enquanto o Leão do Pici encara o Botafogo no Nilton Santos, no Rio de Janeiro. Em caso de tropeço, passam a depender de que Vitória e Inter não vençam seus jogos.

A situação mais tranquila entre os principais ameaçados é a do Santos. O alvinegro praiano precisa apenas vencer o Cruzeiro, em casa, para assegurar



Vitória tem de superar o São Paulo e esperar a derrota de Ceará e Fortaleza

VÍCTOR LARRETA

rar sua permanência. Em caso de empate, se salva se o Vitória não vencer e ainda tirar uma diferença de dez gols de saldo, algo extremamente improvável. Se perder, permanece na elite caso o Vitória não vença, e o Inter também não ganhe e consiga recuperar sete gols de saldo. Se o Vitória vencer, mas o Inter não, o Santos ainda seguirá na Série A caso o Fortaleza não vença e o saldo seja revertido em cinco gols —

neste último cenário, o time cearense seria rebaixado.

O Atlético-MG ainda tem uma remotíssima chance de ser rebaixado. Para isso acontecer, antes de mais nada, o Galo teria que perder para o Vasco na Arena MRV. Diante disso, Santos, Fortaleza e Ceará e Vitória precisariam vencer seus jogos. No entanto, o clube baiano apenas igualaria o número de pontos do time mineiro, e com o mesmo número de vitórias, a disputa iria para o saldo de gols. Atualmente, o Galo tem -6 de saldo, enquanto que o Vitória carrega o peso de -18. Em caso de empate do Santos e derrota do Galo, os dois acabariam a disputa com o mesmo número de pontos, e a decisão também seria no saldo de gols. Dessa forma, o Alvinegro mineiro só terminaria atrás do Peixe, se for derrotado por 3 gols de diferença para o Vasco.

Assim, a última rodada do Brasileirão 2025 se aproxima carregando não apenas números e combinações, mas também o peso das expectativas de milhões de torcedores. Entre cálculos, esperança e, claro, muita tensão, cada equipe leva para o gramado sua própria história, escrita ao longo de meses de disputa. No domingo, quando os jogos chegarem ao fim, alguns encontrarão a permanência, enquanto outros, a dura realidade da queda. É o ciclo natural do campeonato, que se renova a cada temporada, e ano que vem tem mais. ■

Dentre os ameaçados, o Santos só necessita bater o Cruzeiro, em casa



LÉO PIVA/SANTOS FC



Esporte

a conquista que está “muito mais relaxado” do que em 2021, quando chegou a Abu Dhabi para a última corrida do ano empatado em pontos com o britânico Lewis Hamilton.

“Estou encarando esta final com energia positiva; estou fazendo tudo o que posso e, mesmo que não vença, sei que tive uma temporada incrível apesar de tudo”, disse Verstappen. “Isso tira muita pressão de mim. Estou aqui apenas para me divertir, como hoje”, acrescentou.

O terceiro piloto que pode ser campeão surge como o azarão da vez, mas ainda tem chances. Piastri precisa da vitória em Abu Dhabi e ainda dependerá que o companheiro de equipe, Norris, não passe da sexta colocação.

Com os três separados por apenas 16 pontos e múltiplas possibilidades de desfecho, o último GP da temporada promete uma das finais mais acirradas dos últimos anos. Abu Dhabi será palco não apenas de uma corrida, mas de um duelo psicológico, estratégico e emocional. ■

Campeonato disputado até o fim com três candidatos: Norris, Piastri e Verstappen

Emoção até a bandeirada final

Título da F1 ficou para o último GP, o de Abu Dhabi. Norris, Verstappen e Piastri estão na disputa pelo campeonato

André Ruoco

A temporada de 2025 da Fórmula 1 chega ao seu capítulo final neste domingo, 7, em Abu Dhabi, com um cenário raro e eletrizante: três pilotos têm chances de sair do Oriente Médio com o título mundial. Depois da vitória do holandês Max Verstappen, da Red Bull, no Grande Prêmio do Qatar, a temporada ganhou um desfecho digno de filme, e que, de certa forma, colocou ainda mais pressão sobre o britânico Lando Norris, da McLaren e atual líder do campeonato.

Norris poderia ter assegurado o título de forma antecipada, porém, o quarto lugar no Qatar embolou a disputa e manteve vivos tanto o próprio Verstappen quanto o australiano Oscar Piastri, segundo colocado na corrida e também piloto da McLaren. Agora, a classificação aponta um equilíbrio que deixa a decisão imprevisível: Norris lidera com 408 pontos, seguido de Verstappen,

com 396 e Piastri, com 392. Fazia quatro anos que a F1 não tinha o último GP da temporada como o decisivo.

Apesar da aproximação, a matemática está do lado do piloto britânico. Norris depende apenas de si para conquistar seu primeiro título mundial. Um simples pódio em Abu Dhabi é suficiente para garantir a taça — independentemente do que seus rivais fizerem. No entanto, caso fique fora das três primeiras colocações, a disputa se abre: ele terá de torcer para que Verstappen não vá além do quarto lugar e para que Piastri não termine acima de terceiro.

Do outro lado, Verstappen, que foi o campeão na temporada passada, chega motivado pela vitória no Qatar e pode celebrar seu pentacampeonato em diferentes cenários. Se vencer a prova, ainda precisará que Norris termine abaixo do quarto lugar. Vencedor do GP do Qatar, o holandês afirmou após

A volta do Brasil às pistas

O brasileiro Gabriel Bortoleto encerra no domingo, 7, sua primeira temporada na Fórmula 1, em um ano marcado por evolução, resultados sólidos e a consolidação de seu nome no grid. Desde sua estreia, o piloto da Sauber disputou 23 corridas e acumulou 19 pontos, ocupando a 19ª posição no Mundial. Ao longo do campeonato, Bortoleto se destacou ao terminar cinco provas dentro do top 10. Seu melhor resultado foi o sexto lugar no GP da Hungria, enquanto seu último top 10 veio no México, no fim de outubro.

O desempenho do brasileiro foi notado por Jonathan Wheatley, chefe de equipe da Sauber, que fez elogios ao novato, destacando sua evolução na temporada como um dos pontos altos da equipe no ano. A corrida deste domingo marca ainda um momento histórico: será a última da Sauber sob esse nome. A equipe, que estreou na F1 em 1993, passa a se chamar Audi em 2026. Bortoleto seguirá como piloto da escuderia, mais uma vez ao lado de Nico Hülkenberg, seu companheiro em 2025.

O sucesso que não vem sozinho

Nº 1 do Brasil nas duplas, o tenista Fernando Romboli fala sobre seu "ano mágico" e nova parceria

Ivan Gomes

Da ascensão no simples para o sucesso nas duplas, o carioca Fernando Romboli, de 36 anos, é um dos destaques do tênis brasileiro neste ano. Atual número 1 do país na modalidade, ele fala sobre sua trajetória, a escolha pelas duplas, o grande ano de sua carreira e a expectativa para dividir as quadras com o também brasileiro Marcelo Melo, ex-número 1 do ranking mundial.

A paixão pelo esporte vem desde cedo e sob a influência da família. Seu tio é proprietário de uma academia de tênis e natação em Santos, no litoral paulista, onde vivia. O espaço foi seu "quintal de casa". "Eu saía da escola e ia para lá", conta.

Praticando a modalidade desde os cinco anos, Romboli nunca teve dúvidas: o esporte seria o seu ganha pão. Aos oito, começou a participar de torneios. Durante o juvenil, manteve-se entre os melhores jogadores do Brasil. Inicialmente, entrava nas disputas de simples e chegou a ser o nº 2 do ranking da categoria.

Seu primeiro ponto como jogador profissional, aos 17 anos, foi em um duelo contra o também brasileiro Thomaz Bellucci. Sua carreira nas disputas individuais durou até 2020, quando, aos 31 anos, decidiu se dedicar às duplas. Conquistou um título de Challenger e chegou ao Top 250 do ranking durante esse período.

Abdicar das disputas por simples e começar a se dedicar às duplas não foi uma decisão fácil, mas necessária. A escolha veio a partir de uma mudança da ATP (Associação dos Tenistas Pro-

fissionais), que excluiu a contagem de pontos dos torneios conhecidos como Future, campeonatos disputados por Romboli no individual.

"Tinha de tomar uma decisão: jogava apenas duplas ou voltava a jogar os torneios menores em simples. Justamente naquele momento fui campeão de um Challenger em duplas", explica.

O tenista soube se adaptar às diferenças entre as duas modalidades, como a angulação, o tamanho da quadra

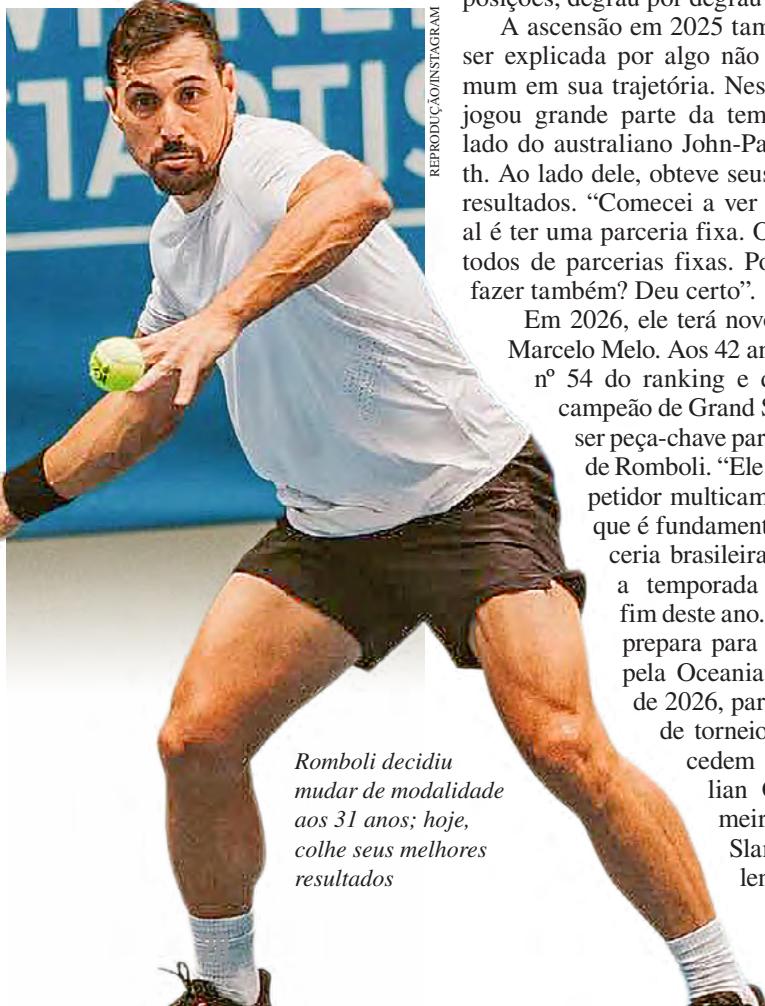
e a dinâmica do jogo. A adaptação e a dedicação total às duplas foram fundamentais para que Romboli atingisse os resultados mais expressivos de sua carreira em 2025.

Ele conquistou seu segundo título ATP da carreira neste ano, chegou às semifinais do Masters 1000 de Indian Wells e obteve seus melhores resultados em Grand Slam, como as oitavas de final em Roland Garros e no US Open.

Romboli termina a temporada como o brasileiro mais bem ranqueado nas duplas, pela primeira vez em sua carreira. "Nunca passou pela minha cabeça ser o melhor do Brasil. Mas busco ser o melhor que eu posso ser". Essa condição pode ajudar o tenista a conquistar outros objetivos importantes na próxima temporada. "Agora, o objetivo é me consolidar no top 30, buscar subir para o top 20 e ir galgando posições, degrau por degrau", revela.

A ascensão em 2025 também pode ser explicada por algo não muito comum em sua trajetória. Neste ano, ele jogou grande parte da temporada ao lado do australiano John-Patrick Smith. Ao lado dele, obteve seus melhores resultados. "Comecei a ver que o ideal é ter uma parceria fixa. Os tops são todos de parcerias fixas. Por que não fazer também? Deu certo".

Em 2026, ele terá novo parceiro: Marcelo Melo. Aos 42 anos, o atual nº 54 do ranking e duas vezes campeão de Grand Slam, pode ser peça-chave para os planos de Romboli. "Ele é um competidor multicampeão, algo que é fundamental". A parceria brasileira começará a temporada ainda no fim deste ano. A dupla se prepara para uma turnê pela Oceania, no início de 2026, para a disputa de torneios que precedem o Australian Open, primeiro Grand Slam do calendário. ■



Romboli decidiu mudar de modalidade aos 31 anos; hoje, colhe seus melhores resultados

A praia do Beyond The Club ocupa uma área de 28 mil metros quadrados, com orla de areia natural



ALEK SERGIOLI

Surfe exclusivo

Em São Paulo, duas piscinas com ondas artificiais se tornam luxo para poucos – e para convidados especiais

Com a diferença de dois dias, dois empreendimentos de luxo lançaram em São Paulo algo que não se imaginaria no passado: praias com ondas. Na verdade, piscinas com tecnologia de geração de ondas, que permite que surfistas, entre eles os profissionais, possam “voar” com suas pranchas sobre águas cristalinas em meio a um cenário urbano. Na sexta-feira, 28, foi oficialmente apresentado o Beyond The Club, que oferece experiências de esporte, bem-estar, entretenimento e networking. E no domingo, 30, foram abertas as portas do São Paulo Surf Club. Os dois ficam na zona sul da capital paulista.

Gabriel Medina, tricampeão mundial de surfe, é um dos nomes por trás do Beyond The Club, o que confere um status especial ao megaprojeto, idealizado pela KSM Realty, gestora independente de ativos imobiliários da qual o atleta é sócio. O novo clube conta com a parceria de mais duas empresas: Realty Properties e BTG Pactual Asset Management.

A grande atração do Beyond The Club é, de fato, sua praia, que ocupa

uma área de 28 mil metros quadrados e que tem orla de areia natural. Lá, está instalada uma piscina de ondas que usa a tecnologia Wavegarden, desenvolvida na Espanha. São 62 motores que permitem criar até mil ondas por hora, com alturas que variam de meio metro a dois metros. São mais de 20 tipos, oferecendo oportunidades para variadas manobras. Durante o período de soft opening, atletas participaram de sessões de swell (ondulações) e outros convidados tiveram aulas de surfe. Há diferentes grades para que os sócios do

clube possam se aventurar no esporte, do nível iniciante ao mais avançado.

A Wavegarden já implantou parques de surfes em países como Austrália, Suíça e Coreia do Sul. No Brasil, montou as ondas artificiais da Praia da Gramma, localizada no condomínio de luxo Fazenda da Gramma, em Itupeva (SP).

Localizado perto da ponte Transamérica, o Beyond The Club teve seu projeto arquitetônico desenhado pelo escritório Aflalo/Gasperini. Ao todo, são 70 mil metros quadrados onde estão integrados ambientes internos e ex-

ALEK SERGIOLI



Filipe Toledo, bicampeão mundial de surfe, é embaixador do Beyond

Estilo de vida

ternos, com uma atmosfera de litoral. O complexo inclui um skate park indoor de mais de mil metros quadrados desenvolvido com o apoio de Bob Burquist, quadras de beach tennis, tênis indoor e saibro outdoor, padel, squash, pickleball, campo de futebol society, ginásio poliesportivo e simuladores de esqui, snowboard, golfe e automobilismo. Além disso, tem um fitness center de 2.200 metros quadrados operados em parceria com a Bodytech.

Com investimento superior a R\$ 1,1 bilhão, o Beyond disponibiliza três mil títulos patrimoniais familiares, o que reforça o caráter exclusivo do empreendimento, aponta a empresa. O valor para adquirir o título, conforme a tabela de dezembro, é de R\$ 913.600. Um dos sócios honorários é Kelly Slater, lenda do surfe. Um dos embaixadores é outro campeão, Filipe Toledo, dono dos títulos mundiais de 2022 e 2023.

Tubos em São Paulo

Também exclusivo, o São Paulo Surf Club é um projeto da JHSF, assinado pelos arquitetos Sig Bergamin, Murilo Lomas e pelo escritório PSA

Arquitetura. Sua piscina de ondas tem 220 metros de comprimento. E elas duram até 22 segundos, mais tempo do que normalmente ocorre nas praias naturais. E as ondas podem chegar até quase três metros. Com isso, surfistas podem se aventurar em diferentes manobras e mesmo tubos.

Localizado em frente à ponte Estaiada, no bairro do Morumbi, é possível sonhar com voos tendo a estrutura metálica como cena de fundo. “O São Paulo Surf Club é um presente para São Paulo e para os amantes do surfe e do esporte, que podem surfar durante a semana em um local com previsibilidade de ondas, sem depender das condições climáticas”, declarou o campeão olímpico e mundial Italo Ferreira, membro do clube.

O acesso à piscina de ondas da JHSF está restrito a sócios e membros do clube. Para se associar, o investimento é elevado. O título familiar do São Paulo Surf Club, que inclui o titular, o cônjuge e mais três dependentes de até 35 anos, custa R\$ 1,25 milhão.

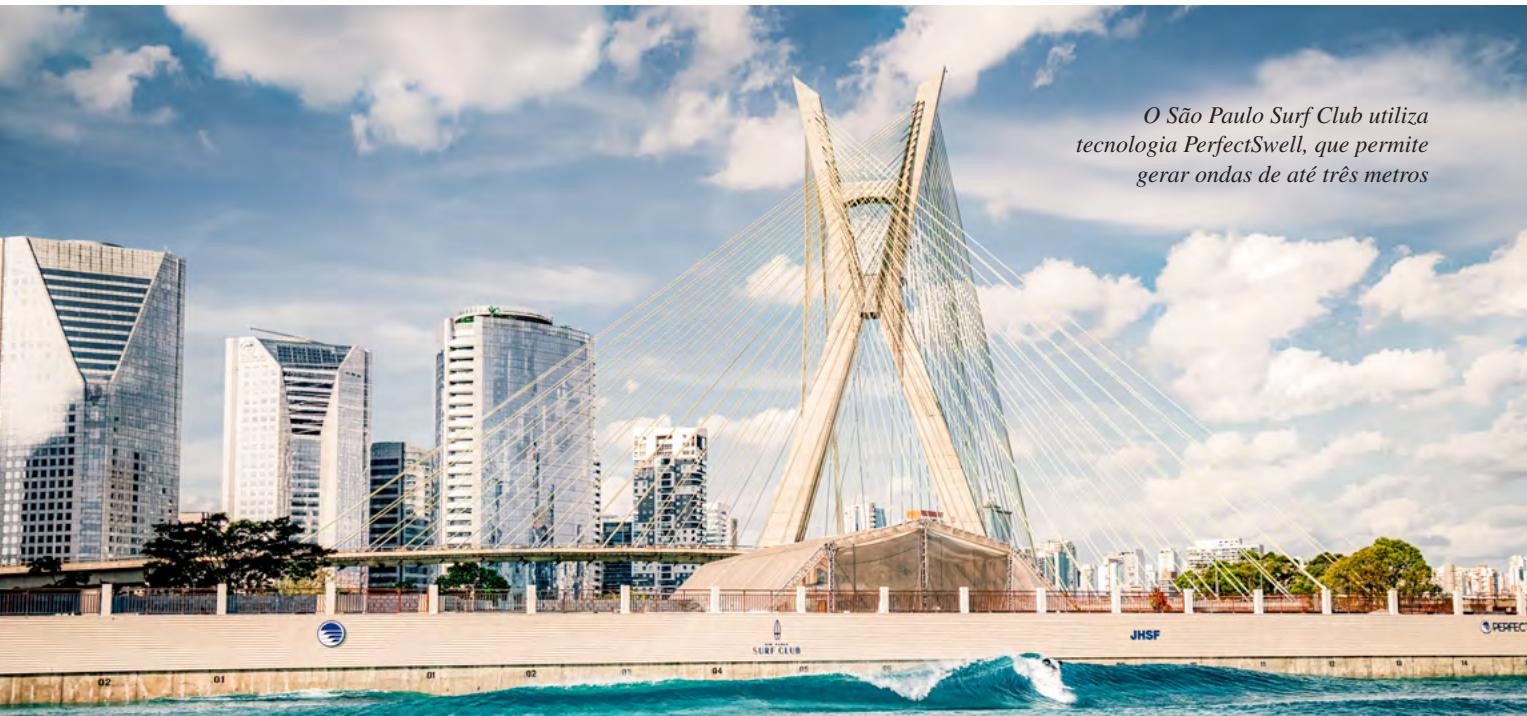
Além da área dedicada ao esporte, os membros têm acesso a outras modalidades esportivas e espaços de lazer.

A estrutura inclui praia artificial com tratamento de água, spa, academia completa, duas quadras de tênis cobertas e uma descoberta, beach tennis, pickleball, squash e quadra poliesportiva. Na área social, os sócios podem desfrutar de lounge, restaurante e bar com vista para a piscina e para o skyline de São Paulo.

“Mais do que um espaço dedicado ao surfe, o empreendimento traduz o DNA da JHSF ao reunir excelência e serviços pensados para quem valoriza qualidade e eficiência no dia a dia. Cada elemento foi planejado para oferecer uma experiência completa para quem vive e trabalha na cidade”, afirma Augusto Martins, CEO da JHSF.

A tecnologia do São Paulo Surf Club é a mesma adotada no Boa Vista Village Surf Club, inaugurado em junho de 2023, no Boa Vista Village, em Porto Feliz (SP). Quem responde pelas ondas artificiais é a American Wave Machines, que adota a tecnologia PerfectSwell, que gera ondulações fortes e com velocidade. Desse modo, diz a empresa, dá para simular sessões como se fossem no mar. ■

O São Paulo Surf Club utiliza tecnologia PerfectSwell, que permite gerar ondas de até três metros





A CasAdote tem petcafé, loja e áreas amplas para conhecer cães e gatos

DIVULGAÇÃO

Rumo a um novo lar

CasAdote, espaço dedicado à valorização da adoção responsável, é aberto em parceria com Instituto Ampara Animal e com a ONG Encontrei um Amigo

Lena Castellón

No prédio de quatro andares onde antes funcionava um bar descolado em uma rua de alta circulação de pessoas na Vila Madalena agora existe um espaço único em São Paulo – e no Brasil. É a CasAdote, um projeto criado pelo Instituto Ampara Animal e a ONG Encontrei um Amigo que valoriza a adoção responsável. O espaço combina um serviço que apresenta cães e gatos prontos para entrarem em sua nova família e um café repleto de quitutes, além de uma loja com produtos com vendas completamente revertidas para a causa animal.

Inspirado em centros internacionais, o projeto busca promover encontros entre pessoas e animais resgatados, ampliando o impacto social das duas instituições. As duas entidades defendem que a adoção deve ocorrer por vínculo afetivo e não por critérios estéticos. O espaço foi inaugurado no

sábado, 29, após quase dois anos para ser concretizado, do momento em que o instituto e a ONG arrecadaram a verba para a iniciativa até a abertura oficial.

Qualquer um pode frequentar a casa, cujo projeto arquitetônico é de

Brunete Fracarolli. No térreo, funciona o Unique Garden Petcafé, assinado pelos hotéis Unique e Unique Garden. Ele oferece cardápio assinado pelo chef Daniel Aquino e funciona como ponto de encontro para visitantes com seus animais e para interessados em adotar um cachorro ou gato. No mesmo andar está a Ampara Store, loja-conceito do instituto que disponibiliza produtos como roupas, acessórios e itens temáticos.

O primeiro andar é destinado à adoção de cachorros, sob responsabilidade da Encontrei Um Amigo. O ambiente foi estruturado para permitir a convivência direta entre visitantes e cães, sem o uso de baias ou grades, favorecendo o contato e a formação de vínculos. Há uma recepção antes do ingresso ao espaço.

O primeiro andar é dos cachorros e está sob responsabilidade da Encontrei um Amigo





O segundo andar, concebido pela empresa Woolie Design, especializada em ambientes para gatos, é voltado aos felinos. Quem responde pela área é o Instituto Ampara Animal (que disponibiliza também animais do programa “Adotar é tudo de bom”, da Pedigree). É ela quem seleciona os gatos que circulam pela área, que é gatificada, com passarelas, arranhadores e estruturas que se estendem à área externa. Tudo telado.

Para o candidato a tutor acessar o espaço dos bichanos, é preciso fazer higienização de mãos e usar protetor nos pés, oferecidos na recepção do andar. Eles são suscetíveis a contrair doenças de outros animais. A entrada é feita por duas portas, o que impede a fuga de gatos, bichos que são curiosos e extremamente ágeis e habilidosos para escapar.

Para ingressar nessas áreas protegidas, desenhadas para favorecer a interação entre humanos e pets em um ambiente amplo, confortável e seguro – e inclusive instagramável –, é preciso pagar uma taxa de visita de R\$ 25. Lá, cães e gatos, entre adultos e filhotes, comem, brincam e tiram soneca à vista de todos. Quem levar um animal terá de pagar ainda uma taxa de adoção de R\$ 150, que banca parte dos custos que as entidades tiveram para castrar, vermifugar e cuidar dos bichos.

O subsolo da CasAdote possui ainda área de convivência pet friendly destinada a visitantes e tutores que desejem utilizar o local para encontros e pequenos eventos.

O sonho nasceu dez anos antes. Juliana Camargo, presidente e fundadora

do Instituto Ampara Animal – que atua em parceria com ONGs e protetores independentes (cadastrados na organização) para disponibilizar bichos para a adoção –, estava em Miami quando visitou, em 2015, o centro de adoção da Humane Society International. “Era diferente de tudo que eu já tinha visto. Era grande, espaçoso, bonito. Vendia produtos legais. Você tinha vontade de ficar lá”, lembra.

Naquele dia, Juliana chorou copiosamente, emocionada com a experiência. Ela calculou que seria muito desafiador ter algo semelhante em São Paulo. No centro de Miami havia um

painel com todos os doadores daquele centro, que fazem contribuições mensais. No Brasil, é bastante complexo para qualquer ONG manter as contas em dia enquanto continuam a resgatar e cuidar de animais.

Um dia, porém, o Ampara Animal compartilhou o sonho com a Encontrei um Amigo, que cuida de aproximadamente 400 animais. A CasAdote seria uma maneira de promover a conscientização da adoção responsável e levar mais gente a possíveis “matches” com cães e gatos resgatados (alguns deles recuperados de situações de abandono e maus tratos).

No final de 2023, as duas entidades realizaram, em sociedade, o leilão “Todos pela adoção”, que arrecadou R\$ 1,3 milhão. Desse modo, puderam partir em busca de um imóvel para erguer o projeto. O prédio onde a CasAdote está instalada ficou vago e as entidades fecharam um contrato de cinco anos.

O espaço tem o apoio de empresas, como Petlove, Plastpet e Carrefour, que compartilham o mesmo propósito e viabilizam a operação. Interessados em conhecer a CasAdote (na rua Harmonia, 271) e aumentar a família podem visitar o espaço de terça a domingo, das 11h às 18h. Mas o café e a loja ficam abertos das 9h às 19h. **E**



Encanto paulistano

No ranking World's Best Cities, São Paulo é a 18ª melhor cidade do mundo, e é a primeira na lista de vida noturna

São Paulo foi eleita a 18ª melhor cidade do mundo pelo ranking World's Best Cities, da consultoria canadense Resonance. A metrópole paulistana é a cidade brasileira mais bem posicionada na pesquisa que seleciona 100 lugares dentre 270 no planeta. E é também a primeira na América Latina. O Rio de Janeiro também marca presença na lista, ocupando a 42ª posição. No ranking geral, o primeiro lugar é de Londres, seguida por Nova York e Paris.

A capital paulista subiu na seleção global de “lovability”, ou capacidade de encantar, assumindo o oitavo lugar nesse critério, um dos três que norteiam a eleição dos lugares. A publicação justifica parte desse desempenho pela vida noturna de São Paulo, que é a primeira do mundo nesse quesito, se-

gundo o ranking, que aponta que Vila Madalena e Baixo Augusta “fervem sete noites por semana”.

Outro destaque é a cena gastronômica da cidade, que permanece entre as cinco melhores do mundo. O ranking menciona os restaurantes D.O.M., Maní e Evvai.

Além disso, São Paulo está entre as três melhores cidades para fazer compras, com citações às marcas de luxo da rua Oscar Freire e aos shoppings JK Iguatemi e Cidade Jardim, que atraem maisons internacionais.

Segundo o World's Best Cities, a cidade se sobressai pela ciclovia ao longo do rio Pinheiros, frequentada especialmente nos fins de semana. “A expansão de empresas de computação em nuvem e fintechs em torno de Faria Lima e Berrini sinaliza um apetite contínuo

por investimento estrangeiro direto, com a nova capacidade de data centers surgindo nos últimos anos e florescendo”, diz a pesquisa.

As três melhores

Londres figura como a melhor cidade do mundo pelo 11º ano consecutivo. Ela já ganhou o apelido de “capital das capitais” no ranking. A metrópole inglesa detém a dianteira na pesquisa sobre prosperidade. E é a segunda no critério “lovability”. Na lista relativa à “habitabilidade”, que trata de itens de qualidade de vida, deslocamento e espaços verdes, entre outros, Londres é a terceira cidade.

Em segundo lugar no ranking geral, Nova York chama atenção pelos quase 65 milhões de turistas que recebe todos os anos. A “grande maçã” deve ter novo pico em 2026. Ela sediará a final da Copa do Mundo de futebol, a ser realizada no MetLife Stadium.

Paris, a terceira colocada, recebe desde empreendedores a formadores de opinião, passando por viajantes ávidos por experiências. Cada vez mais, segundo o ranking, a cidade-luz tem reinventado seu estilo urbano, voltada para o futuro.

Para classificar o desempenho e a percepção das Melhores Cidades do Mundo para 2026, a Resonance analisou as principais cidades de áreas metropolitanas com populações superiores a um milhão de habitantes.

Foram combinadas estatísticas e dados gerados por usuários de fontes online como Google, Instagram e TikTok para medir a qualidade do lugar em termos de fatores experienciais. Desde 2022, nenhuma cidade russa está sendo avaliada por conta da guerra contra a Ucrânia.

Cada um dos três critérios em que se baseiam as análises se divide em uma dezena de subitens que vão desde taxa de desemprego, ecossistema para negócios, centros de convenções, museus, restaurantes, vida noturna e risco climático, entre outros.

Neste ano, a pesquisa destaca os efeitos das movimentações geopolíticas sobre o realinhamento social, em grande parte influenciado pela política comercial do presidente norte-americano Donald Trump. ■

O agito de lugares como Vila Madalena é um dos destaques de São Paulo



Comida

Protocolo quebrado

O chef francês Olivier Anquier passa a servir prato vegetariano após um ano de seu restaurante L'Entrecôte d'Olivier do centro de São Paulo

Beatriz Mizuno

O restaurante de menu único de Olivier Anquier agora oferece também o Risoto de Azeitonas Azapa (no detalhe)

FOTOS BENEDITA FILMES



No Brasil há 46 anos, o francês Olivier Anquier comemora mais um aniversário na história de sua carreira: desta vez, o primeiro do L'Entrecôte d'Olivier do centro de São Paulo. A famosa casa de menu único — com salada, mousse royal de chocolate belga e o tradicional entrecôte com batatas fritas e molho secreto “da tia Nicole” — existe desde 2007 no Itaim Bibi, mas ganhou um novo endereço, na praça da República, no final de 2024.

Para celebrar o marco, o chef adicionou ao cardápio, pela primeira vez na história do restaurante, uma nova opção de prato principal: Risoto de Azeitonas Azapa. Anquier explica a decisão como uma forma de unir as famílias. “Hoje em dia, muitas pessoas dentro das famílias têm distância dessa proteína. Portanto, nada mais justo que fazer com que elas se juntem, façam parte da mesa familiar”.

Segundo o chef, o risoto foi escolhido por ser uma receita com a qual tem costume. “Provei em muitos eventos para proporcionar emoção a quem não deseja comer carne”, conta.

Preparado com azeitonas chilenas pretas graúdas, a receita já está disponível também na unidade matriz do L'Entrecôte d'Olivier, na rua Dr. Mário Ferraz, no Itaim. Assim como o entrecôte, o novo prato também acompanha no menu a salada de folhas com molho típico francês de entrada e as batatas fritas crocantes e à vontade durante a refeição. O valor é de R\$ 132.

Amante do centro de São Paulo, Olivier conta que duplicou a clientela após a inauguração da casa no bairro da República. “Por estarmos no centro, ficamos ao alcance de uma nova geração de clientes e, consequentemente, duplicamos a nossa clientela, com moradores de regiões mais distantes e de difícil acesso até o Itaim. Agora, nós temos dado a oportunidade a uma camada gigantesca de paulistas para conhecer o nosso conceito”, afirma. Ele completa revelando que também recebem uma enorme clientela de turistas nacionais e internacionais. “O centro é o bairro verdadeiramente turístico de São Paulo pela sua história e alma”, defende Anquier.

Em entrevista à Menu, no final de 2024, o chef classificou como “privilegio” a proximidade física entre sua casa, também na praça da República, e seu trabalho. Esse foi o motivo pelo qual Anquier preferiu se manter no Edifício Esther mesmo após o fim da sociedade com Benoit Mathurin, do Esther Rooftop — restaurante que agora é seu vizinho.

“O centro é nosso. Não é uma bolha, é para todos. Temos de aproveitar aquilo que as pessoas aproveitam quando eles viajam ao exterior. Temos aqui, é mais bonito ainda. É nosso centro”, comentou o chef, em 2024.

A cobertura, onde antes ficava o espaço de eventos Esther La Plage — que já pertencia ao chef —, foi transformada no restaurante, que se tornou um ambiente modernista e contemporâneo sob a visão do arquiteto Rodrigo Velasco.

Neste ano, em abril foi inaugurada uma unidade do Mundo Pão do Olivier na mesma região. A padaria fica no térreo do Edifício São Tomás, na esquina da avenida São Luís com a avenida Ipiranga. ■



Selton Mello volta para a CCXP para ser homenageado; o filme "Anaconda" terá painel no domingo

Festa da cultura pop

CCXP25 homenageia Selton Mello, recebe Timothée Chalamet e traz novidades do cinema e do streaming para 2026

Maior festival de cultura pop do mundo, em número de visitantes, a CCXP traz para São Paulo nomes do cinema e do streaming que prometem lotar as salas e os espaços do evento que apresenta as novidades da indústria audiovisual para o fim de 2025 e início de 2026. Realizado na São Paulo Expo, o evento tem como uma das estrelas o ator franco-americano Timothée Chalamet. Além dele, o público deve fazer a festa por Selton Mello, o homenageado deste ano.

O brasileiro será celebrado pela "contribuição à cultura nacional" e por sua trajetória como ator, diretor e dublador, destaca a organização da CCXP

– que tem quatro dias de duração, com encerramento no domingo, 7. Selton estará no palco para receber a homenagem e participar do painel do filme "Anaconda", sua estreia em Hollywood. Marcada para domingo, a sessão terá a presença do diretor Tom Gormican. Produzido pela Sony Pictures, o longa conta com Jack Black e Paul Rudd. A estreia será em 25 de dezembro.

Reconhecido por trabalhos como "O Palhaço", "Lisbela e o Prisioneiro", "Meu Nome Não é Johnny" e "Sessão de Terapia", Selton construiu uma carreira multifacetada. Outra produção em que chama atenção é "O Auto da Comadecida", cuja sequência teve estreia

na CCXP24. Também no ano passado, o ator brilhou no longa "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, que conquistou o Oscar de Melhor Filme Internacional.

Chalamet, que já foi convidado da edição 2023, divulgando o filme "Duna: Parte 2", desta vez estará no festival para falar de "Marty Supreme", longa inspirado em um jogador de tênis de mesa famoso e polêmico nos EUA. A estreia da produção no país está prevista para 8 de janeiro. O diretor Josh Safdie também estará no painel, que acontece na noite de sexta-feira, 5.

Entre os artistas internacionais, estão escalados Ella Purnell, Walton Goggins, Aaron Moten e Justin Theroux para o painel dedicado à série "Fallout", do Prime Video, que está na segunda temporada. Eles estarão na CCXP25 na sexta-feira. No dia seguinte, a plataforma levará outro elenco popular, o da série "The Boys", com as participações de Erin Moriarty, Laz Alonso, Karen Fukuhara, Tomer Capone e Colby Minifie. Mais um elenco com alto potencial de aglomeração é o da série "Supernatural", que completou duas décadas. Batizada de "Road



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Timothée Chalamet, uma das atrações, falará do filme "Marty Supreme"

to Hell”, a sessão será na sexta-feira e reúne os atores Misha Collins, Kathryn Newton, Jim Beaver, Rob Benedict e Richard Speight Jr. Foi programada uma experiência para os fãs com fotos individuais, selfies e autógrafos.

Mais dois momentos com astros estrangeiros para marcar na agenda são os encontros com Tom Wlaschiha, de “Game of Thrones” e “Stranger Things”, e Dominic Monaghan, ator de duas produções extremamente populares, “O Senhor dos Anéis” e “Lost”. Eles sobem ao palco na sexta-feira.

Entre os brasileiros, estão Deborah Secco, falando de “Bruna Surfistinha 2” (que está em produção), Lázaro Ramos que vai abordar a nova fase do programa “Espelho”, do Canal Brasil (que retorna para a 16ª temporada; a atração estreou 20 anos atrás); o quarteto Caito Mainier, Daniel Furlan, Raul Chequer e Leandro Ramos, que voltam às telas para a série “Choque de Cultura” (com estreia dia 12 de dezembro, também no Canal Brasil); e José Loreto sobe ao palco no domingo para falar da imersão que fez para viver Chorão, o vocalista

da banda Charlie Brown Jr. Dirigida por Hugo Prata e Felipe Novaes, a cinebiografia “Chorão: Só Os Loucos Sabem” será exibida nos cinemas em 2026.

No domingo, o Globoplay apresentará detalhes exclusivos de suas estreias. Paulo Vieira, Cauã Reymond, Gustavo Mioto, Maya Aniceto, Emilio Dantas, Valentina Herszage, Ana Hikari, Mariana Sena, Letícia Colin e Sabrina Sato participam do painel sobre títulos como “Jogada de Risco”, “Emergência 53”, “Pablo & Luisão”, “Minha Mãe com seu Pai” (ambos na segunda temporada), “Cinderela e o Segredo do Pobre Milionário” e “Poderosas do Cerrado”.

O Prime Video também escalou um time de primeira para falar de novidades. Para mostrar um pouco da nova temporada de “Cangaço Novo”, a empresa convidou Thainá Duarte (Dilvânia), Allan Souza Lima (Ubaldo) e Alice Carvalho (Dinorah). E, para contar sobre o filme “Corrida dos Bichos”, as estrelas são Bruno Gagliasso, Rodrigo Santoro, Isis Valverde e Matheus Abreu. O longa é ambientado em um Rio de Janeiro distópico, onde o mar secou e a paisagem da cidade ganhou outra configuração. Nesse cenário, um dos maiores entretenimentos da cidade é a Corrida dos Bichos, em que apos-

tadores magnatas controlam pessoas de classes baixas, os Bichos, durante uma corrida em busca de um prêmio milionário. O filme acompanha um jovem na luta para salvar a vida de sua irmã.

O público estimado é de pouco mais de 280 mil visitantes, total dos quatro dias do evento. Eles se dividem entre os palcos, a área de games, os stands e o núcleo dirigido para HQs, os Artists’ Valley. Considerado o “coração do evento”, o espaço receberá nesta edição 428 artistas. O stand da Chiaroscuro Studios terá mais 30 nomes, formando, desse modo, um line-up com mais de 450 quadrinistas.

No Artists’ Valley, o brasileiro Mike Deodato – que trabalhou para títulos como “Avengers”, “Elektra”, “The Incredible Hulk”, “Spider-Man” e “Thor” – é o homenageado do ano.

A parte de cosplay também tem novidade. Um dos grandes atrativos da comic con, o concurso passa a ter três etapas eliminatórias antes da grande final no domingo.

Além disso, a programação musical foi reforçada: a banda Fresno fará o encerramento da CCXP25. O show vai misturar repertório nostálgico e músicas do álbum mais recente, “Eu Nunca Fui Embora”. ■



O cosplay faz parte da essência da comic con; concurso terá mais etapas neste ano

Filmes e séries

Palma de Ouro no cinema

Ganhador da Palma de Ouro em Cannes, "Foi Apenas Um Acidente" entra no circuito comercial. Na Netflix, George Clooney estrela "Jay Kelly"

FOTOS DIVULGAÇÃO



Em cartaz no cinema

"Foi Apenas Um Acidente"

Dirigido pelo iraniano Jafar Panahi, o filme acompanha um mecânico que acredita ter reconhecido o homem que o torturou no passado. Inspirado nas experiências do próprio Panahi, o longa venceu a Palma de Ouro no Festival de Cannes, em maio passado.

"Cyclone"

Neste drama brasileiro dirigido por Flávia Castro, uma jovem operária (Luíza Mariani) sonha estudar teatro em Paris em 1919, mas enfrenta uma gravidez inesperada e pressões sociais.

"Soldado de Chumbo"

Thriller de ação com Scott Eastwood, Jamie Foxx e Robert De Niro. A produção conta a história de um ex-soldado infiltrado em uma seita de veteranos extremistas.

"E Seus Filhos Depois Deles"

O drama francês, dos irmãos Boukerma, mostra o primeiro amor de um adolescente (Paul Kircher) durante um verão decisivo em 1992, compondo um retrato sensível sobre juventude, pertencimento e frustração social.



Destaques do streaming

"Ladrões"

Neste filme que estreia no dia 5, Hank Thompson (Austin Butler), ex-prodígio do beisebol trabalha em um bar de Nova York. Tudo muda quando ele aceita cuidar do gato do vizinho e se vê no meio de gângsteres.

HBO Max



"Jay Kelly"

Com direção de Noah Baumbach, o longa, que estreia no dia 5, mostra um astro do cinema, Jay Kelly (George Clooney), que entra em crise existencial enquanto revisita sua trajetória ao lado do empresário (Adam Sandler). Eles se dividem entre arrependimentos e conquistas.

Netflix



"Verdade Oculta"

Com estreia no dia 10, a série, estrelada por Ethan Hawke e Keith David, mergulha em segredos familiares e crimes antigos em uma pequena cidade americana. O passado volta à tona e revela uma trama de mentiras, culpa e violência.

Disney+



"Merv"

Um casal recém-separado faz uma viagem com seu cachorro, Merv, para animá-lo, mas eles acabam se reconectando romanticamente. Com Zooey Deschanel. Estreia dia 10.

Prime Video



Barracos e prisões

Os filhos de Jair Bolsonaro chamaram atenção nesta semana pelo desentendimento que tiveram com a ex-primeira-dama Michelle. A separação de Ivete Sangalo também entrou no radar dos leitores

A ex-mulher, os filhos e a atual de Bolsonaro

Rogéria Bolsonaro, ex-esposa de Jair Bolsonaro, comemorou a “união” dos filhos após críticas do senador Flávio (PL-RJ), do deputado federal licenciado Eduardo (PL-SP) e do vereador Carlos (PL-RJ) à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Sem citar nomes, Rogéria escreveu nas redes: “É reconfortante ver a união de meus filhos em defesa de nossos princípios”.



● 332 mil ❤ 3,5 mil

Prisões e a morte da mãe de Mel Maia

O Minuto IstoÉ da sexta-feira, 28, falou da Corregedoria da Polícia Militar que prendeu 5 PMs por crimes cometidos na megaoperação nos complexos da Penha e do Alemão. A Polícia Civil do DF prendeu Gilberto Ferreira, tio de Michelle Bolsonaro, sob suspeita de receptação e ligação com um grupo responsável por furtos, adulterações e ocultação de veículos. Débora Maia, mãe de Mel Maia, foi encontrada morta em seu apartamento no Rio.



● 228 mil ❤ 3,4 mil

Atrito entre Michelle e Ciro une filhos de Bolsonaro

O deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ) se uniram ao irmão, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), para fazer críticas à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL), que atacou uma aliança firmada pelo partido para apoiar Ciro Gomes (PDT-DB) ao governo do Ceará em 2026.



● 297 mil ❤ 2 mil

Tarcísio defende prisão perpétua

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), defendeu uma mudança radical na legislação brasileira e mencionou prisão perpétua para determinados crimes. Para ele, a alteração serviria para aprimorar o enfrentamento ao crime organizado.



● 328 mil ❤ 12 mil

Ivete Sangalo e Daniel Cady se separam

A cantora Ivete Sangalo anunciou o término do relacionamento com o nutricionista Daniel Cady, após 15 anos juntos. Eles têm três filhos: Marcelo, 16 anos, e as gêmeas Marina e Helena, de 7.



● 419 mil ❤ 2 mil

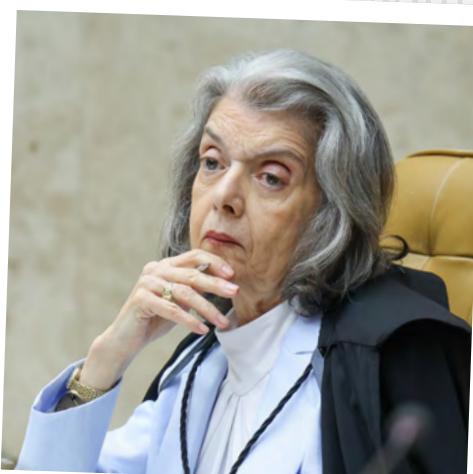
Palavra por palavra



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

"Se existe um lugar de onde a sociedade vai poder recobrar o status de humanidade enquanto condição existencial, ele se chama Brasil. Essa capacidade de sonhar com algo tão grandioso só é possível pela contribuição de homens e mulheres africanos que vieram para cá em condições desumanas. Se a gente não quer que o passado se repita, a gente precisa estudar sobre ele. A gente precisa fazer o passado virar passado para que o presente seja um presente"

Emicida, ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



LUIZ SILVEIRA/STF

"A erva daninha da ditadura, quando não é cuidada e retirada, toma conta do ambiente. Ela surge do nada. Para a gente fazer florescer uma democracia na vida da gente, no espaço da gente, é preciso construir e trabalhar todo o dia por ela"

Cármen Lúcia, ministra do STF, durante a Festa Literária da Casa de Rui Barbosa (FloriRui), no Rio de Janeiro

"O desfecho das negociações foi decepcionante. Por outro lado, acho que é notável que, com os Estados Unidos fazendo campanha contra e a indústria de combustíveis fósseis claramente determinada a garantir que as coisas não avançassesem com todos esses movimentos contra, foi possível chegar a um acordo e isso mostra que o multilateralismo funciona"

António Guterres, secretário-geral da ONU, sobre o final da COP30



BRENDAN McDERMID/REUTERS



TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

"'Vocês têm de me ajudar a empurrar o PIB deste país'. Não foi isso, presidente? É isso que nós estamos fazendo. Empurrar o PIB deste país depende de todos nós. Depende de todos os trabalhadores e todas as trabalhadoras da Petrobras. Todos nossos parceiros estão envolvidos nessa tarefa, que não é pequena, mas que é honrosa, que é ajudar o Brasil a crescer"

Magda Chambriard, CEO da Petrobras, durante evento da refinaria Rnest, em Pernambuco, com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva



LUISA GONZALVES/REUTERS

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

